A obra propõe aproximar o diálogo entre as ruas sorocabanas e as universidades. Para tanto, reúne textos de professores que dialogam com imagens de pichações, grafites, lambe-lambes e tags captadas em diversos locais de Sorocaba. Cada professor discorre sobre uma imagem que possibilita uma tradução direcionada à sua área de atuação. Reunimos aqui teólogos, filósofos, sociólogos, antropólogos, pedagogos, jornalistas, arquitetos, historiadores, advogados, designers, ambientalistas, entre outros que possuem algo em comum: são sorocabanos ou residem há tempo na cidade. Assim, a obra propõe a reflexão sobre os diversos assuntos comuns à cidade.

Thífani Postali

ISBN: 978-85-66626-91-9
9 788566 626919

Apoio Institucional:
LINC
Secretaria de Cultura e Turismo
Prefeitura de SOROCABA

ENTRE LINHAS DA PICHAÇÃO

Diálogos Sorocabanos

Thífani Postali
José Neto
Organizadores

Thífani Postali
José Neto
(Organizadores)

Entrelinhas da Pichação: Diálogos Sorocabanos

Sorocaba/SP
2019

SUMÁRIO

Rua Coronel José Loureiro

APRESENTAÇÃO: A COMUNICAÇÃO POPULAR URBANA

Thífani Postali

Pichação, pixação, grapixo, lambe lambe, stencil, entre outras comunicações imagéticas, são elementos constituintes dos grandes centros urbanos existentes em todo o globo.

Desde os primórdios, os seres humanos se apropriaram de suportes para exercer a

Rua Coronel José Loureiro

comunicação. A própria comunicação humana, artificial que é, como nos lembra o filósofo Vilém Flusser, passa dos grunhidos e mímicas existentes na comunicação tridimensional para os suportes físicos oferecidos pela natureza, como as paredes das cavernas, na tentativa de traduzir a consciência através de imagens expostas em um tipo de comunicação bidimensional, que tem por objetivo, além de comunicar, armazenar as informações.

Ocorre que, mesmo com toda a criação de diferentes meios de comunicação, chegando à era digital, o ser humano nunca abandonou essa forma mais antiga, pois, em muitos casos, esse suporte é o mais eficaz quando a sua intenção é comunicar para mais pessoas.

Hoje, são nos grandes centros urbanos que podemos observar formas diversificadas de comunicações urbanas e, também, conteúdos que se referem a situações específicas de cada local. Cabe esclarecer que, diferente do que o senso comum possa imaginar – que essas inscrições são produtos que têm a ver com grupos e classes sociais específicos –, a observação mais atenta nos leva a crer que o uso dos espaços públicos (e também privados) como suportes para comunicação é realizado pelos diversos grupos e classes sociais que compreendem o espaço urbano. É comum encontrarmos frases reflexivas que incluem citações de autores reconhecidos nas ciências em muros de escolas e universidades, bem como também é possível observar um grande número de mensagens religiosas por todos os cantos da cidade. Posto assim, torna-se impossível identificar o grupo que pratica tal ato considerado inconstitucional em nossa sociedade.

A ideia desta obra não é discutir a legalidade das inscrições urbanas, tampouco validá-las como arte, sujeira ou crime. Também não queremos, com isso, levantar discussões sobre apologia à delinquência, considerando que a ideia sobre pichação como sujeira pode ultrapassar o pensamento sobre as inscrições em muros, incluindo as discussões sobre publicidades e propagandas e, também, a má conservação ou descaso sobre os diversos ambientes urbanos. Desta forma, a intenção é provocar um diálogo entre as ruas sorocabanas e os acadêmicos, pois muitas das discussões propostas pelas ruas são assuntos debatidos em eventos acadêmicos e ambientes seletivos, o que impossibilita a maioria da sociedade de participar de reflexões que podem ser construtivas. Muitas mensagens são provocativas e convidam o indivíduo a pensar de forma mais crítica, inclusive combatendo discursos omitidos ou manipulados pelos grandes veículos de comunicação, como é o caso do grafite que, tendo a sua origem ligada ao movimento hip hop, busca despertar as populações sobre os problemas locais ou globais que afetam o coletivo.

Assim, importa esclarecer que não fizemos distinção sobre as formas, sendo que o próprio grafite propõe o diálogo sobre as questões sociais, do mesmo modo, a pichação com ch, tão antiga e comum nos centros urbanos, oferece ideias reflexivas, mas não carrega a filosofia do grafite, sendo também utilizada como forma de recados e situações individuais. Já o bombing, que é caracterizado pelas tags, assinaturas que têm como objetivo marcar territórios, e que Lassala chama de pixação com X, aparece nesta obra como forma de chamar a atenção sobre os espaços e demarcações, considerando também os monumentos históricos que objetivam o mesmo fim. No entanto, nos debruçamos em captar imagens cujas mensagens são direcionadas à sociedade como um todo.

A ideia surgiu de meus estudos sobre comunicação e cultura popular urbana e do interesse do professor e amigo José Ferreira Neto sobre as especificidades da cidade. Assim, durante o ano de 2016, buscamos colecionar fotos de diversos locais da cidade de Sorocaba, a fim de produzir uma obra que servisse como ponte para o diálogo entre as ruas e as universidades. Para tanto, convidamos professores mestres e doutores para dialogar com as imagens. Cada professor discorreu sobre uma imagem que possibilita uma tradução direcionada à sua área de atuação. Reunimos teólogos, filósofos, sociólogos, antropólogos, comunicólogos, pedagogos, jornalistas, arquitetos, historiadores, advogados, designers, ambientalistas, geógrafos, entre outros que possuem algo em comum: são sorocabanos ou residem há tempo na cidade. Essa escolha se deu pela intenção de aproximar da cidade de Sorocaba os diálogos provocados.

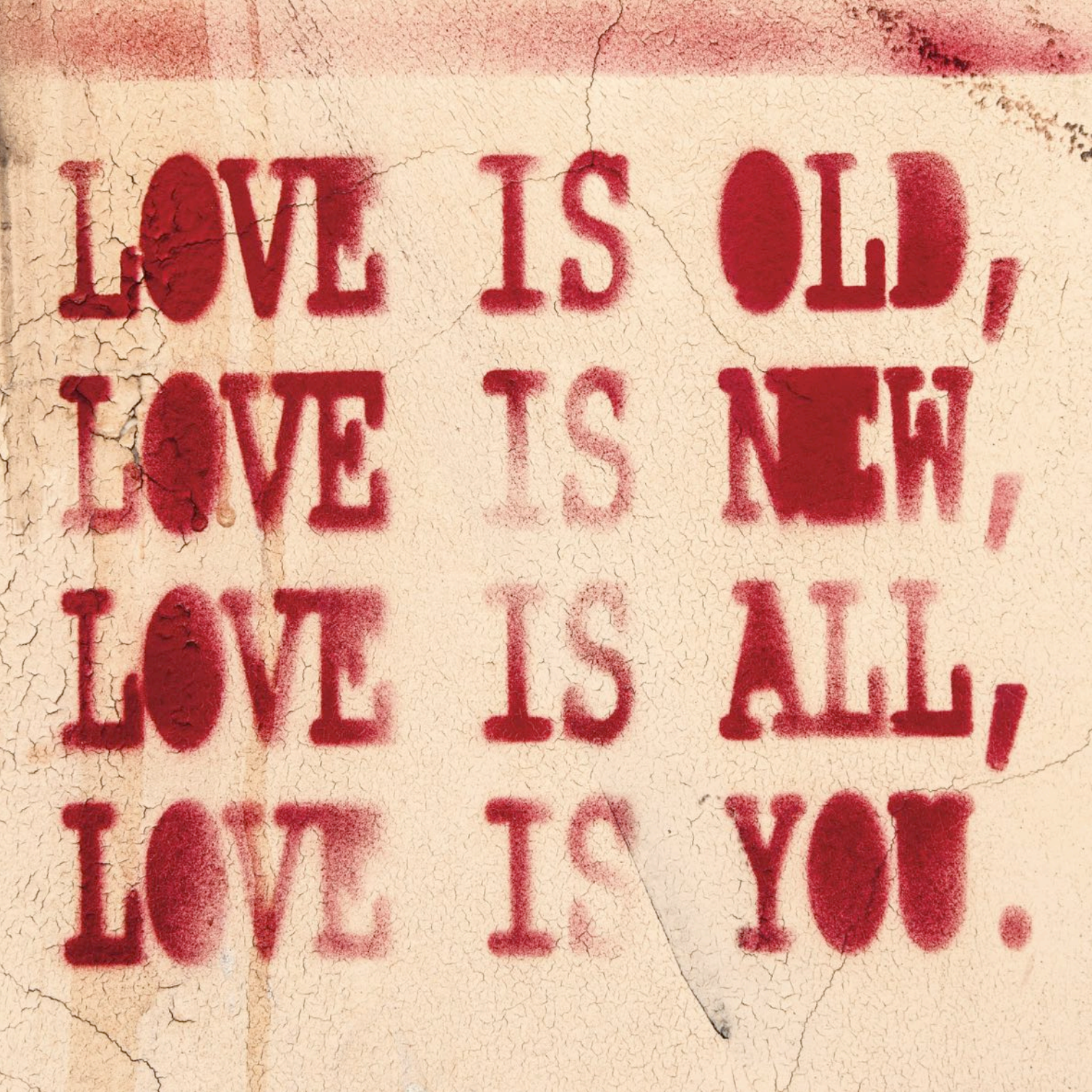
Enfim, esperamos que esta obra seja recebida como uma fonte de diálogos que possibilitam olhar para a cidade para além daquilo que é visto como belo, para observar a polis como um lugar diverso, portanto, multicultural, onde diversos grupos sociais buscam – ou devem buscar – a convivência de forma dialógica e voltada para a práxis cidadã.

Rua Luís Pessuti

OLHARES DA FOTOGRAFIA

José Neto

A fotografia sempre carrega consigo parte daquilo que a gerou, ou seja, só sinaliza o que realmente existe. Neste caso, ela manterá uma conexão direta com seu referente ou com aquilo que a produziu.

Na semiótica, segundo Lúcia Santaella, a fotografia é um índice: "no índice, a relação entre o signo e o objeto é direta, visto que se trata de uma relação entre existentes, singulares,

factivos, isto é, conectados por uma ligação de fato". Por sua própria gênese autônoma, a fotografia funciona como índice. Como a imagem fotográfica é impregnada na superfície sensível através dos raios luminosos refletidos pelo próprio objeto, a imagem que está na foto está existencialmente conectada com ele.

Para Vilém Flusser, "imagens são superfícies que pretendem representar algo. Na maioria dos casos, algo que se encontra lá fora no espaço tempo". Sua definição de imagem se aplica à fotografia e sugere que, a partir do momento em que a imagem fotográfica é apresentada, um vasto campo se abre para a reconstituição do fenômeno ou da cena apresentada. A possibilidade de um aprofundamento na busca de pistas ou marcas impressas em uma fotografia revela possibilidades de leituras, descobertas e

POSSIBILIDADES

análises enriquecedoras do ponto de vista da cultura. Podemos entendê-la como a supressão de elementos presentes em uma dada realidade ou cena que não serão apresentados pela fotografia da mesma maneira como estavam. A foto é, então, uma fina película do espaço/tempo que traz consigo indícios que posteriormente poderão ser decifrados para, assim, produzirem significado.

R. José Antônio Ferreira Prestes

Segundo Boris Kossoy, um dos alicerces sobre o qual se ergue o sistema de representação fotográfica decorre da relação fragmentação/congelamento. A fragmentação é assunto selecionado real (recorte espacial); o congelamento, a paralisação da cena (interrupção temporal).

O que seria a fragmentação proposta por Kossoy senão um recorte empreendido pela fotografia enquanto signo, na concepção peirceana? Na sua incompletude, o signo não pode dar conta do real e sua dívida para com o objeto é perene. Na verdade, essa é a razão pela qual os signos produzem interpretantes ou efeitos interpretativos numa mente.

O recorte ou o que é capturado pelo fotógrafo é a forma mais próxima daquilo que, cultural e historicamente, ele tem como referência para a aplicação em suas técnicas de trabalho ou proposta para sua criação. O que ele tem no dado momento em que acontece o alinhamento entre a sua impressão obtida através da câmera e um momento fugidio é apenas a possibilidade das formas, da luz, do volume, da textura ou do enquadramento que venha a, posteriormente, preencher o vazio da busca por imagens/elementos que produzam sentido.

As possibilidades da adoção de determinada postura, cultural ou ideológica, por parte do fotógrafo, implicam em uma codificação da imagem que pode, por sua vez, acarretar fotos estereotipadas de determinado objeto ou fato. Isso, em decorrência do uso de recursos dos mais diversos, os quais enfatizam, criam efeitos, além de dar um tom de encenação a uma dada realidade.

O passado que a fotografia capta e representa foi chamado por Roland Barthes de noema ("isso foi"), pois o modo de fixação da imagem fotográfica só permite que algo seja registrado, caso ele tenha existido. Ao se contemplar uma imagem fotográfica se olha para algo que, de fato, ocorreu.

A relação direta e indicativa da pré-existência do objeto que torna a fotografia inseparável do seu referencial é a característica primordial de sua condição de objeto de estudo. Esta condição de vínculo com seu referente deve-se ao caráter de imagem autônoma, ou aquela que não é construída, mas se auto-impregna na superfície sensível ou emulsão através da objetiva da câmera fotográfica.

Se tomarmos a fotografia apenas como registro ou impressão produzida através da câmera via reflexão da luz pelos objetos ou assuntos que estão diante da objetiva, voltaremos aos questionamentos feitos quando de seu surgimento, pois as pessoas afirmavam que

a fotografia era uma obra produzida sem a ação humana. Numa fotografia, é possível potencializar e enfatizar os seus elementos constituintes, permitindo lançá-la num outro estágio nos processos de comunicação atuais, que permitem que aquilo visto numa imagem fotográfica seja mediado pela programação e/ou intenção de quem a produz, no sentido de possibilitar um determinado efeito interpretativo por parte do observador/leitor de imagens.

Se não é possível para o ser humano perceber de forma crítica o que acontece nas frações de segundos, é preciso admitir, então, que aquilo que é capturado pelo fotógrafo através da câmera é algo que ainda não é do seu domínio, mas que está entre o passado e o futuro, algo entre o que foi percebido e o que pode vir a ser.

Deste modo, estando diante da fotografia pronta, são possíveis muitas interpretações, articulando-se entre sugestões de como foi feita, a partir de que local, tema e dados técnicos, na sua construção de sentido e/ou finalidade.

Viela Crislaine Calegare

Sorocaba

ESPAÇO GRAFFITI

Paulo Celso da Silva
Doutor em Geografia Humana, professor do Programa de Mestrado em Comunicação e Cultura da UNISO. Participa do grupo de pesquisa MidCid-Uniso. Autor de "De novelo de Linha a Manchester Paulista", "Walt Disney's Celebration City. Reflexões sobre comunicação e cidade", "Poblenou: território @ de Barcelona. Projeto 22 @BCN. Estudo e considerações" e "Cidade e Comunicação", volumes 1 e 2.

O espaço urbano foi visto, por quase todo o século XX, como um grande quadro em branco no qual as sociedades podiam escrever as suas histórias. Escrever pelos muros e vias não é um privilégio das pessoas que vivem este momento, ao contrário, as pessoas que vivem hoje devem suas inscrições a muitos tantos que, anteriormente, viveram, escreveram e marcaram no espaço seus feitos. Alguns são nomes de ruas e avenidas. Assim também com os fenômenos que nos marcam o ser e nomeiam os lugares por onde passamos. É o caso da rua/avenida Liberdade, Felicidade, bairro dos Morros, Além Linha...

São escritos urbanos marcados na cultura local, nacional e mundial e sobre os quais não ficamos passivos. Marca sob marca, escrito sob escrito, o graffiti como manifestação de ideias e posicionamentos, de todas as espécies, marca o espaço duplamente, pois, de um lado, paredes, solo e tetos recebem uma escrita (seja de letras e/ou desenhos); de outro lado, os passantes e frequentadores recebem informações em novos códigos e estéticas e o entendimento e a compreensão dessas leituras são, estritamente, pessoais. Trazem e causam sentimentos incomunicáveis nessa linguagem que falamos diariamente, visto que são registros de códigos que cada um, com seu repertório de vida, de simbologias, interpreta como pode.

Não vem ao caso que o graffiti seja considerado arte ou não. Isso não cabe ao crítico, teórico ou artista definir. Mas cabe ao expectador da cidade aceitá-la como tal. Ou não. Ainda assim, é uma escolha fugaz e fragmentada, como resultado de um sentimento de passagem por um lugar grafitado. Não é algo que se repete a todo momento do dia. E se o trajeto se repetir, o sentimento não será o mesmo que o anterior.

Como as demais imagens da cidade retidas pelas pessoas, o graffiti compõe a cultura urbana que temos. Essa cultura que nos une e particulariza em relação às demais pessoas do mundo. Em várias situações, já disseram que era uma segunda pele da cidade. Mas tinta em transformação não é pele! É muito mais que uma segunda pele. É A pele da cidade naquele momento, a causar espanto, discórdia, risos e toda a gama de sentimentos vivenciados pelos urbanos.

Nesse ínterim de sentimentos, a próxima volta pelo quarteirão pode trazer surpresas. Feito um conto policial, o suspense é o ingrediente do fazer e do ver o graffiti, assim como da piXação, espécie de corte na pele da cidade que exige mais do que leitura e gosto. Exige que o passante esqueça, de momento, o que aprendeu e reaprenda a ver, a ler e a gostar.

MARCAS

Na Sorocaba contemporânea não é diferente. Gerações de passantes já incorporaram os escritos, dizeres e imagens que marcam a pele com acento sorocabano. Por ruas e avenidas, filosofias de passagem, pequenas frases ou apenas palavras para nosso quebra-cabeça diário: abaixe o vidro... tire o capacete...

Em alguns momentos nessa cidade, as mídias utilizam adjetivos específicos como vandalismo, crime, contravenção... Em outros, ilustração, comunicação, tudo depende em que totem, monumento ou em qual lugar está, nem sempre diferenciando graffiti de pixação.

Esse exercício de marcar a pele da cidade com pixações não deixa ninguém indiferente. Confronto com autoridades? Enfrentamento à sociedade capitalista? Sujeira? Invasão de propriedade? Uma fase da vida de alguns jovens? Os questionamentos são muitos e as respostas, as mais diversas, contraditórias e longe de consenso.

Graffitar ou piXar. Esse confronto que não existe entre os praticantes nos fazem pensar que ficaremos com os dois, com suas distintas formas de expressar.

Rua Almirante Barroso

O BRASIL DE TODOS

Beatriz Elaine Picini Magagna

Formação: mestrado em Educação, graduação em Pedagogia e em Letras, curso técnico em enfermagem, especialização em medicina antroposófica e chinesa. Coordenadora do PROEJA-Uniso – Programa de Educação de Jovens e Adultos da Universidade de Sorocaba. Docência nos ensinos superior, profissional e fundamental. Diretora de Escola – implantação de Gestão Participativa Escolar em 1993.

Produção: organização e participação em artigos e livros acadêmicos. Autora de poesias e contos infantis.

Importante iniciar a análise da imagem com o que, na música, nos define enquanto povo. A Aquarela do Brasil de Ary Barroso brilhantemente mostra a diversidade cultural do povo brasileiro. O “mulato inzoneiro”, manhoso, a “mãe preta”, o gingado e o ritmo nos identificam: o nosso “Brasil brasileiro”.

Ao ouvir a melodia, consegue-se visualizar todas as imagens, de norte a sul, os "coqueiros" e as "fontes murmurantes" que compõem a paisagem, exibindo na mente, de forma magistral, a grandeza e a beleza do Brasil. As manifestações culturais populares, a diversidade e a influência da imigração que compõem a nação brasileira.

Ao ritmo da música, a imaginação nos leva às várias danças folclóricas: o gingado da baiana na orla de Amaralina, em Salvador; o fandango do Sul com o seu movimento gracioso; o samba no pé dos passistas das escolas de samba de São Paulo e Rio de Janeiro; um poema em movimento na disputa entre o boi Garantido e o Caprichoso, no Amazonas. Belas e ricas manifestações.

ESPERANÇA

Em meio a essa diversidade, o imaginário do povo brasileiro, entre tantas dificuldades, ainda exala esperança, a alegria latente herdada dessa profusão de etnias, raças e credos, as culturas dentro da cultura.

A história do Brasil não o favoreceu. O desenvolvimento rápido, esperado pelas riquezas e abundância aqui encontradas, do Pau-brasil ao Pré-sal, ao longo dos séculos, favorece a poucos.

O lucro, o consumo e o mercado são as tônicas do momento, poucos falam em humanizar-se. Um dia, talvez, esse afã pelo lucro imediato e pela acumulação de bens dará lugar a um pensamento mais igualitário. Não só o Brasil, mas a humanidade precisa desse caminho.

A educação, ainda hoje, no Brasil, necessita de um olhar mais carinhoso e responsável. Uma política pública mais eficaz viabilizaria um novo cenário para a educação. O país ainda esbarra em uma série de problemas sociais, econômicos, políticos e pedagógicos.

O espaço escolar precisa ser lúdico, agradável e prazeroso para crianças, adolescentes e adultos; além do envolvimento de uma equipe de profissionais colaborando com o trabalho do professor: psicólogo, terapeuta ocupacional, fonoaudiólogo, dentista, médico e assistente social. Os auxílios culturais, físicos, emocionais e sociais necessários ao processo de formação do aluno.

Uma escola que ofereça a oportunidade de formação, preparando-os para a autonomia desejada, ou seja, torná-los sujeitos de seus processos histórico, social, existencial, cultural, consciente e concreto, auxiliando na construção do reconhecimento como sujeitos de direitos e deveres, embasados por atitudes éticas e cidadãs.

O momento político vivido no país passará, o amargor das diferenças ideológicas dará lugar à doçura que envolve a nossa cultura. As reformas necessárias ao país serão feitas, o povo assim exige. A história será escrita de outra forma, com dignidade, igualdade, esperança e felicidade.

A educação com qualidade para todos se efetivará e a gramática da mensagem ficará para trás, deixando apenas a essência, que descreverá as atitudes do nosso povo em um momento histórico de transformação.

Neste exato momento, os homens e mulheres deste imenso país, banhados de gratidão, com a sensação de dever cumprido, irão assinalar o caminho, que muitos tentaram desviar.

Mesmo com o erro ortográfico observado na imagem, imposto pela falta de comprometimento na implantação de políticas públicas efetivas para a educação, esse brasileiro ou brasileira expressou o que lhe ia ao coração. Naquele momento, como um grito de alerta, nos lembra da máxima do povo: "unidos, podemos tudo".

Pode-se deixar a correta grafia de lado quando se consegue ver a grandeza da mensagem, pois um problema de fácil correção ortográfica não pode macular a riqueza da frase e o desabafo.

Com a alma banhada pelo som da música, e interpretando, também com o coração, o nosso autor desconhecido, leio claramente que, em nosso país, "há união do povo" e essa ação tão brasileira, típica da nossa cultura ou culturas, "nos fortalece a cada dia".

Afinal, unidos, somos fortes: "Brasil, meu Brasil brasileiro, vou cantar-te nos meus versos!".

Rua Luiz Dordetto
Próx. Ceagesp
Rua Olinda Luz Marte

O EMPODERAMENTO DO ANIMÊ

Fernanda Dos Santos Ueda
Mestre em Educação na Linha do Cotidiano Escolar. Ingressou no ensino superior como Professora de Direito Penal e Constitucional na Universidade de Sorocaba em 2006. Professora da Academia de Polícia Coriolano Nogueira Cobra. Delegada de Polícia do Estado de São Paulo empossada em 1998. Especializou-se no combate a violência de gênero como titular de Delegacias de Defesa da Mulher por 14 anos

Sabia que iria receber as imagens para a construção do texto. "_ Você vai se chocar! Nem vou falar muito para você ter uma primeira impressão sua". Assim se findou o convite para discorrer sobre uma imagem feminina que fora vilipendiada por uma pichação. Aguardei ansiosamente e, quando abri, tristemente...

Não me choquei. Nada. Nadinha.

Nem um pouquinho? É, nem um pingo de surpresa.

Três segundos depois, me assustei – sim – com a minha reação. Será que a amortização dos meus sentidos chegou num nível tão avassalador? Seria a violência real tão banal no meu cotidiano que o "estupro" da arte figuraria somente como a cereja do bolo?

Resposta: não sei!!! Certo é que sou de uma sensibilidade ímpar. Tudo me agride. Da notícia, que me marcou quando li de que o grupo terrorista islamita Boko Haram sequestrou pelo menos duas mil mulheres e meninas na Nigéria desde 2014, aos filhos sem pai do funk fluxo, e ao estupro coletivo de uma adolescente no Rio de Janeiro, a qual, hoje, é obrigada a viver sob custódia do Estado, num programa de proteção a testemunhas.

Portanto, um grito calado feito numa travessa de um bairro qualquer de Sorocaba, o que significa frente a tanta barbárie? Na realidade, significa, sim. Muito em extensão e em conteúdo. É a pichação pornográfica sobre a imagem feminina a corporificação dos crimes sexuais. Há um grande equívoco quando se pensa no que é o estupro. A imagem do monstro de falo ereto, sem rosto, troglodita desprovido de qualquer moral, não coaduna com o que encontramos no dia-a-dia policial. O homo taradus do imaginário popular, que emerge das sombras numa

esquina e arrasta a vítima (que só o será se for recatada e pudica) para a penetração forçada é uma falácia.

A imagem é a realidade brasileira. A imagem sensualizada deve e pode ser estuprada porque está à mostra. As coxas desnudas "pedem" o pênis. Os lábios vermelhos clamam pelo sexo oral. A cintura fina e o decote são convites a um ato libidinoso. Voluntário ou não.

Este é o nosso cenário. As cifras do Ministério da Saúde/SVS (2011) demonstram que a maior parte dos estupros ocorre na segunda-feira. Os horários também são surpreendentes: as crianças, majoritariamente, são violentadas entre 12h00 a 18h00. Não preciso de qualquer pesquisa para afirmar categoricamente que os autores de crimes sexuais serão, na maioria, pessoas do convívio da vítima. O monstro de genital em riste será o padrasto, pai, marido, namorado, vizinho, avô, professor, tio, amigo da família e os que já foram tudo isso (os "ex"). Fato: a violência sexual está enraizada no "seio da família brasileira".

As frases de empoderamento representam a reação necessária e imprescindível para uma ação afirmativa. Mais que a imagem conspurcada, fiquei perplexa com falta de ética do pichador em relação ao grafite original. Até porque a imagem era linda. Ou seja, a ética dos marginalizados não está presente se o assunto for mulher.

Incomoda-me o fato da necessidade do falo em toda e qualquer representação cultural de nossa sociedade. O grafite inicial demonstra uma mulher, um animê, que se caracteriza como uma nova forma de cultura pop, uma nova forma de idealizar o herói/heroína moderna. No caso, nos deparamos com uma jovem mulher linda, sexy, dona de si.... heroína pelo simples fato de existir nas paredes sujas e rabiscadas de nossa cidade, guardando e contando sua história em uma esquina/beco.

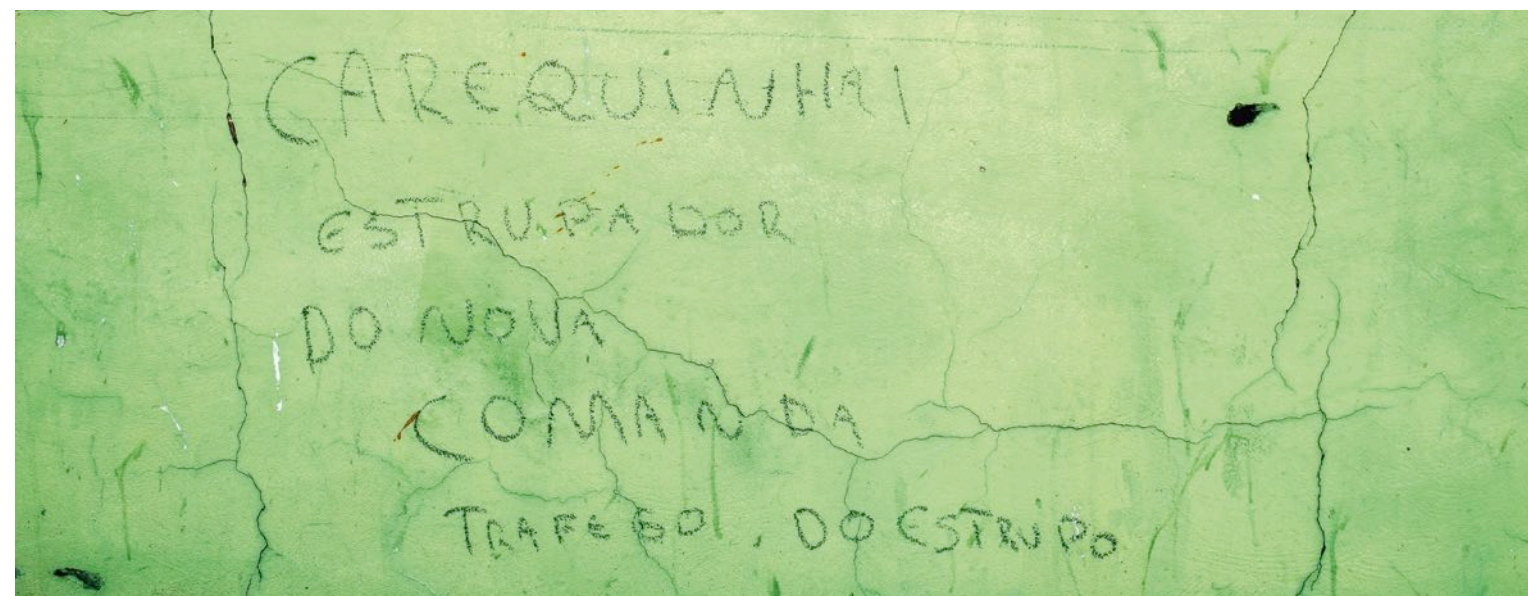
Infelizmente, em uma sociedade patriarcal, machista e sexista como a nossa, a presença de uma linda mulher forte, com roupas curtas (é claro!!!), em um beco escuro, não poderia ficar sem a presença do falo!!! Convenhamos, ela clama pelo "pau", seus lábios, suas coxas... seus seios!!! Vejo essa imagem e me reporto à infância, quando se pegavam imagens de mulheres em revista... uma caneta e... tchanam!!! Apareciam bigodes, cavanhaques... barbas e coisas do gênero na revista.

Parece bobagem, mas é interessante perceber como o masculino está presente em nossas vidas... nas menores manifestações... na infância, com bigodes, e na idade adulta, com falos nos penetrando. Aprendemos que a fragilidade feminina pede e necessita da brutalidade masculina. Que a beleza feminina, ampliada pelas minúsculas vestimentas que deverão ser adotadas pelas mulheres, é apenas um acessório para a robustez do homem, para que o corpo feminino seja utilizado para os seus "verdadeiros" propósitos: a satisfação do homem e a procriação.

Infelizmente, são necessárias palavras de empoderamento para entendermos o quão errada é a presença do falo naquela imagem. A beleza do corpo feminino é um privilégio que tem o direito de se mostrar sem nos sentirmos diminutas por isso. A exposição da combinação mulher + beleza + força é, na verdade, apenas, a demonstração, em forma de arte, do que a mulher é diariamente... em sua vida, casa e trabalho... Linda + forte e mulher!!! Digna de respeito, igualdade e orgulho. Alguém que não têm e não necessita de um falo para ser ela mesma. Alguém que não necessita de músculos para ser forte e não necessita ser humilhada e explorada em cada esquina para saber o seu lugar. Porque o lugar da mulher é em todos os lugares. E o sexo e o falo para ela são escolhas e não imposições.

DENÚNCIA

Av. Juscelino Kubitschek

R. João de Almeida Melces

AS IDEIAS POR DETRÁS DAS PALAVRAS

Marcelo de Barros Ramalho

Possui Doutorado en Variedades del Español en Ámbitos Profesionales y en el ELE e Máster en Experto en Español como Lengua Extranjera en Ámbitos Profesionales - UNIVERSITAT DE BARCELONA. Atualmente, atua na graduação em Letras, na Habilitação em Português-Espanhol, como professor titular da UNIVERSIDADE DE SOROCABA.

A palavra é um ato de consciência. Tudo aquilo que se pensa na mente humana é um não lugar, a οὐτοπία, de onde se originam as ideias, que são formas de consciência que se fazem visíveis no mundo da matéria, criando e recriando, para bem ou para mal, o entorno que nos toca viver.

Diante da grandeza dessa criação, Emilio Lledó dá por certo que a vida é uma experiência incessante. E vamos aprendendo a olhar, a assombrar-nos com a natureza que nos rodeia: as árvores, as nuvens, a luz, o mar, a terra, os frutos da terra. Comenta também que foram os primeiros filósofos que nos iniciaram nesse assombro e começaram a especular, a "teorizar" – que é uma forma de olhar – sobre o que chamaram de Στοιχεῖα, os "elementos", os princípios fundamentais da vida: a água, o ar, a terra.

EDUCAÇÃO

Nicolau de Cusa, autor da "De Docta Ignorantia", afirma que "Deus é tudo e em tudo e não é nada no todo". Dessa forma, o humanista renascentista parte de uma ideia de que tudo o que foi criado, incluindo o homem, é a imagem de Deus. Tudo é manifestação de um único modelo, mas não é uma cópia, e sim um signo de esse Ser Absoluto e, ao mesmo tempo, único e múltiplo.

Pensar é vida; pensar é um ato de criação, da mesmíssima natureza espiritual, intelectual, emocional e física de Deus, que é espírito, e que se manifesta de inúmeras formas neste plano terrestre.

Teorizar a frase pintada no muro, com sua disposição e cor própria: "Consuma menos. Ame mais.", possibilita-me contemplar e interpretar ideias implícitas de ordem.

O consumo alienado torna-se para as massas um dever suplementar à produção alienada. Dito consumo é todo o trabalho vendido de uma sociedade, que se torna globalmente mercadoria total, cujo ciclo deve prosseguir, conforme descreve Guy Debord em seu livro intitulado "A Sociedade do Espetáculo".

José Mujica, ex-presidente de um país pequeno e que está em uma esquina importante do mundo, como tem por costume dizer, sustenta que quando você gasta, no fundo, o que está gastando é o tempo de vida que se lhe foi. Ademais, acrescenta que a felicidade não é uma questão material. Sua definição sobre o consumismo é a de Sêneca: "pobres são aqueles que precisam de muito".

O capitalismo não é que seja mau em si. É que já está esgotado, segundo a visão do economista espanhol José Luis Sampedro. Foi muito bom em seu tempo. Foi uma força criadora a que devemos muitíssimas coisas. Mas, terminou. E não é apto para os problemas e soluções de hoje.

Põe também em destaque que ao poder atual não interessa formar cidadãos, mas sim consumidores e produtores. Diz que hoje não respeitamos nada. O respeito tem de estender-se a mais coisas. Tem de estender-se à natureza. Deveríamos respeitar os seres vivos. Outras culturas, que chamamos primitivas, consideram sagradas uma fonte, uma árvore. E para nós, isso é um objeto de comércio, de exportação, de venda ou aluguel. No que se refere ao respeito, estamos fatais, assevera.

Sampedro também questiona quais são os fins da vida. Para que vivemos? E responde: estamos vivos para viver. Para fazer-nos, para realizarmo-nos. Para dar, de cada um de nós, tudo o que se pode dar, porque assim teremos tudo aquilo que se possa receber.

A ideia dos fins da vida já nos foi dada, de acordo com εὐ αγγέλιον, a boa notícia, por Χριστός, o Ungido, há mais de dois mil anos, e pode ser lida em Lucas, nesta parábola:

"E eis que se levantou um certo doutor da lei, tentando-o, e dizendo: Mestre, que farei para herdar a vida eterna?

E ele lhe disse: Que está escrito na lei? Como lês?

E, respondendo ele, disse: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo. [...]

E, respondendo Jesus, disse: Descia um homem de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos dos salteadores, os quais o despojaram, e espancando-o, se retiraram, deixando-o meio morto.

E, ocasionalmente descia pelo mesmo caminho certo sacerdote; e, vendo-o, passou de largo.

E de igual modo também um levita, chegando àquele lugar, e, vendo-o, passou de largo.

Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou ao pé dele e, vendo-o, moveu-se de íntima compaixão;

E, aproximando-se, atou-lhe as feridas, deitando-lhes azeite e vinho; e, pondo-o sobre o seu animal, levou-o para uma estalagem, e cuidou dele; [...]".

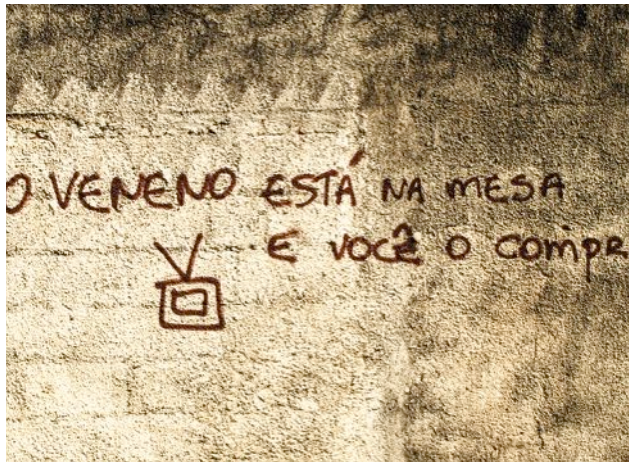
Neste segundo milênio, Adela Cortina, em sua obra "¿Para qué sirve realmente la ética?", faz eco da intenção das palavras de Cristo, sobre o amor e o cuidado com o outro, deste modo: "Resulta ser que os seres humanos não somos só egoístas, inteligentes ou estúpidos, mas também somos, entre outras coisas, seres predispostos a cuidar de nós mesmos e de outros. Para isso nos preparou o mecanismo da evolução, selecionando a propensão a cuidar como uma das atitudes indispensável para manter a vida e reproduzi-la, e a levamos já na entranha de nossa humanidade".

Eis aqui, pois, algumas palavras e ideias por detrás das realidades que desenham o mundo. "Assim, uma pessoa, com uma educação modesta, que sabe ler a realidade, é uma pessoa culta; e não os doutores surdos, que não sabem escutar e ler a realidade", assegura Eduardo Galeano.

R. Dona Carmela Capossoli de Freitas

Sustentabilidade???

Nobel Penteado Freitas
Graduado em Ciências Biológicas com mestrado e doutorado em Biologia Vegetal pela UNESP. Coordenou e participou de projetos de pesquisa e extensão, tendo aprovado projetos junto ao CNPq, Fehidro e PROEXT. Foi membro da Comissão Assessora de Avaliação da Área de Tecnologia em Gestão Ambiental e é avaliador do INEP. Atualmente é professor titular da Universidade de Sorocaba, onde ministra aulas e coordena o Núcleo de Estudos Ambientais da Uniso e o Curso de Ciências Biológicas.

A indução ao consumo talvez seja um dos maiores problemas que os sistemas econômicos capitalistas causam para a conservação da natureza. O consumo, pela sociedade humana, de produtos, materiais e serviços das mais diversas áreas e formas é fortemente influenciado pela propaganda e por imagens consideradas

positivas, que remetem ao sucesso, bem-estar e ao prazer em geral. Essa história começa a tomar forma com a chamada revolução industrial, quando no, século XVIII, teve início o modo de produção organizado e com o uso de máquinas, inicialmente movidas a vapor proveniente da queima do carvão e posteriormente movimentadas por energia originária de diferentes fontes, com destaque para aquelas advindas do petróleo e seus derivados. Neste processo de industrialização, ocorreu o desenvolvimento que possibilitou e estimulou a formação das cidades. Do ponto de vista ecológico, em geral, as cidades são muito ruins, pois esta organização física e espacial da sociedade humana concentra o consumo de recursos naturais e, consequentemente, também concentra a geração de resíduos, sejam sólidos, líquidos ou gasosos. Esta fisiologia urbana, se não controlada, é capaz de causar graves impactos ambientais, ressaltando-se aqui a poluição do solo, da água e da atmosfera, sem falar na destruição das áreas naturais para a implantação das estruturas urbanas. O que é mais grave, e muitas vezes não percebido, é que para manter e sustentar uma cidade é necessário a exploração de extensas áreas externas a este núcleo organizacional, pois o fornecimento dos recursos e insumos necessários ao seu funcionamento passa pela produção de alimentos, recursos para geração de energia e todos os demais insumos para os processos produtivos e de manutenção da sociedade ali presente.

Quando a avaliação do consumo é focada nos alimentos, a história também é longa. Num determinado momento da trajetória da humanidade, quando as cidades já eram estruturas bem estabelecidas e o aumento populacional era crescente no planeta, o economista inglês Malthus (1978), elaborou uma teoria que previa a falta de alimentos no planeta. Ele profetizava que a humanidade teria problemas de abastecimento de alimentos, pois a população crescia numa velocidade maior do que a produção de alimentos, prevendo que chegaríamos a um ponto de desabastecimento. Esta previsão não se consolidou e hoje o planeta produz alimentos em quantidades que seriam suficientes para o abastecimento de toda a população. Porém, fruto de uma forte desigualdade, uma quantidade enorme de pessoas não possuem acesso aos alimentos necessários a sua sobrevivência digna. Esta fartura quantitativa de alimentos no planeta foi possível de acontecer graças ao que se chama de revolução agrícola. Técnicas de produção baseadas em grandes áreas de monocultura, com usos intensivo de insumos, como nutrição mineral baseada em adubos químicos e irrigação e controle de pragas e daninhas por meio de agroquímicos, permitiram esta revolução. Esse tipo de produção agrícola, provavelmente, tenha sido um dos principais culpados aqui no Brasil pela destruição de importantes ecossistemas, como a Mata Atlântica e o Cerrado.

Como fugir desta lógica da produção, do crescimento e do consumo altamente valorizados?

APARÊNCIA

Questões profundas como estas são enfrentadas muitas vezes, sem uma discussão mais ampla e que considere todas as suas consequências. Hoje, boa parte da população do planeta, em especial a parcela com mais recursos financeiros, é induzida a consumir bens, produtos e serviços que muitas vezes não são necessários a sua sobrevivência, ou seja, são supérfluos. É óbvio que o ser humano necessita de recursos para um pouco além de sua sobrevivência, pois

o lazer, a cultura e a diversão, por exemplo, são importantes para a felicidade humana. A grande questão a ser equacionada é: como atingir um patamar de consumo suficiente para as necessidades básicas das pessoas, sem continuar a agredir o meio ambiente? E mais ainda, trata-se de como mudar alguns paradigmas, como a noção equivocada de que os produtos maiores, mais brilhantes, mais viçosos, são os melhores, como ocorre frequentemente quando se trata de escolher produtos para nossa alimentação. Como será que se conseguem aqueles tomates enormes e bem formados? Aquele repolho ou um figo sem pragas? Produtos assim, que no imaginário da maioria das pessoas são os melhores, na verdade retratam a forma violenta com que o ser humano trata o seu ambiente.

Qualquer ambiente com condições mínimas para a sobrevivência de seres vivos, como existência de umidade, temperaturas médias e luz, tende a dar suporte ao aparecimento de inúmeras espécies para ocupar este ambiente, caso bastante comum no Brasil, nos ecossistemas aqui existentes, como Cerrado, Mata Atlântica e Amazônica, que abrigam milhares ou milhões de espécies a cada hectare. Se uma área dessas for desmatada e em seguida abandonada, com o tempo, novos milhares de espécies a ocuparão. Portanto, esta é a lógica natural da ocupação dos espaços na terra. Porém, para a produção agrícola tradicional, o que se busca é um ambiente onde só ocorra uma única espécie, o que contraria frontalmente a tendência natural. E como se consegue isso? Estes ambientes artificiais de produção são obtidos pelo uso intensivo de agroquímicos para inibir as populações de vegetais e animais que tentam ocupar esta área, e que nós chamamos de pragas. Também, como não se tem mais reciclagem de matéria orgânica, é necessário o uso de adubos químicos para estas culturas. Assim, o veneno que está na nossa mesa, e que nos foi vendido com a estética para acreditarmos que é o ótimo, representa muito bem todo o desequilíbrio ambiental provocado pelo ser humano no planeta Terra. Será que Marte será o próximo?

R. Dimas de Melo

TRAVESTIR É RESISTIR E (RE)EXISTIR

Josefina de Fatima Tranquilin-Silva

Doutora em Antropologia; pesquisadora de pós-doutorado nas temáticas juventude, gênero e ativismo digital, no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Práticas do Consumo da ESPM/SP, com financiamento da FAPESP. Professora das faculdades de Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas e Design da UNISO e compõe o corpo docente do C. U. Belas Artes, em cursos de pós-graduação stricto sensu.

Dizem-nos: somos Sapien-Sapiens! Como supor tal racionalidade, se somos seres de subjetividades? Seres de produção de cultura, de afeto, de caos, de horrores? O progresso, o mito, a fé, a ordem, a ciência, o Estado, o caos, as existências são da ordem do antropo, e isso demonstra que por mais que se tentem impor

ordens definidoras às estruturas sociais, ali existem humanidades, e estas encontram brechas para burlar a ordem e o poder. As subjetividades dão vazão aos modos de vidas, aos modos de existir, às maneiras de fazer.

Prefiro acreditar, como diz Edgar Morin, que somos Sapien-Demens! Um ser formado, ao mesmo tempo, por 100% natureza e 100% cultura. Um ser excessivo, portanto, desviante. Um ser de imagem-imaginário: imagens que elaboramos e aquelas que emolduramos; imagens abstratas construídas na imaginação; imagens que um dia denunciaram, nas cavernas, os nossos desejos, sonhos, cotidianos. Hoje, as realizamos nos espaços públicos das cidades. Somos criaturas de imagens e figuras. Representações simbólicas!

Caminhar etnografando as ruas, os edifícios, os tapumes das construções, as casas, os muros é perceber urbanias, apreender uma cidade comunicacional: ali há corpos de todos os tipos, desejantes e desejáveis; há subjetividades e subjetivações; há relações insuportáveis com o Eu e com o Outro. Portanto, as cidades deflagram quem somos. Nestes contextos, os caminhantes decodificam as linguagens dos corpos. Os corpos denunciam os gêneros, aqueles aceitáveis e aqueles repudiados: corporalidades e corporeidades.

Sexo, gênero, identidade de gênero, orientação sexual: o biopoder, aquele que controla nossos corpos, e o poder farmacopornográfico, aquele que controla nossas entranhas, classificam nossa sexualidade dentro de parâmetros da normalidade e do patológico. Desta forma, o “bio” nos define e assim mantém-se o poder heteronormativo e o binômio de gênero.

A filósofa Judith Butler nos ensina que os gêneros são performáticos, ou seja, quando o poder percebe que pode controlar nossos corpos e produzir a disciplinarização do gênero, acaba por deixar clara uma falsa noção de estabilidades corporais. Na verdade, eles nunca foram e nunca serão estáveis. Então, por que temos que escolher a qual gênero pertencemos? Qual é a nossa identidade de gênero? Que orientação sexual temos? Se pertencemos ou não ao Sex Box? Por que nos importamos tanto com os desejos sexuais do outro?

As imagens que representam essas perguntas e suas respostas estão nos espaços das cidades, que são também espaços constituídos de cartografias simbólicas e isso faz com que determinadas corporalidades sejam grafadas nos espaços públicos como sinal de resistência, mas também, e infelizmente, como pedido de aniquilamento, pois são corporalidades cujas existências são imperdoáveis nas performances da trama cotidiana: repúdio e expulsão daquele que é diverso, por isso mesmo intolerável. Percebemos, então, que os processos das urbanias são mais que manifestações de uma cidade. Na verdade, são os processos de imaginários múltiplos que as urbanizam.

Por isso, “Travestir é Resistir”. E ser aniquilado.

De um lado, no cemitério público mais antigo da cidade de São Paulo, um coletivo de drag queens fez ecoar o Canto de Ossanha, de Toquinho e Vinícius de Moraes, na tarde de uma quinta-feira (17/11/2016), em frente ao Terreno 22, Rua 25, do Cemitério Consolação. A performance abria as homenagens a Andréa de Mayo, transexual que, naquela tarde, recebeu uma placa com seu nome social, 16 anos após seu falecimento. Iniciativas maravilhosas iguais a essa se unem aos inúmeros eventos científicos e ativistas, e aos outros tantos ativismos digitais concretizados pelas juventudes brasileiras. Basta dar uma caminhada pelas cartografias digitais e chegaremos ao encontro de infinitas delas.

Do outro lado, a atualização da TDor 2017 revela um total de 325 casos de assassinatos relatados de pessoas trans, entre 01 de outubro de 2016 e 30 de setembro de 2017. Essa atualização mostra um aumento de 30 casos de pessoas trans assassinadas em relação aos 12 meses anteriores, com a maioria tendo ocorrido no Brasil (171), México (56) e Estados Unidos (25). Repúdio, violências, mortes, assédios, expurgos, corpos considerados como “excremento”, que vêm ao encontro da construção das narrativas de ódio, as quais encontramos em todos os lugares, inclusive nos muros da cidade e nos muros digitais. São os sapiens, excessivos e desviantes, que as edificam.

São muros. Literalmente muros. Que segregam. Que colocam as nossas emoções em condomínios. Em um capitalismo feito de condomínio. Onde tentamos encontrar identidades, prazeres e desejos que sejam semelhantes aos nossos, para não termos de dar de cara com o Outro, que confronta o nosso Eu.

“Travestir é Resistir”. É manter-se vivo diante de tantos muros. É (re)existir até onde não der mais!

(In)felizes esses Sapien-Demens que somos.

R. Dona Carmela Caposoli de Freitas

SENTIMENTOS CONTROVERSOS

Prof. Me. Marcelo Rodrigues
Formado em Filosofia, psicopedagogo e mestre em educação, leciona para o ensino superior nas áreas de Filosofia Jurídica, Metodologia Científica e especialização em educação. Professor na rede pública e particular de ensino médio na cidade de Sorocaba e psicopedagogo atuante no ensino superior, busca refletir sobre a realidade por meio da ação do ser humano no mundo e suas consequências.

Diante da voracidade efervescente do mundo das oportunidades e dos negócios, unida à docilidade da propaganda, estandarte das vontades que sequer sabemos que temos, a contradição ganha perfeita harmonia, como sugere a imagem que inspira esta reflexão.

Num mundo guiado pelas leis de mercado, mais e mais fazem sucesso as práticas de coaching e exemplos de superação e de conquistas que tentam nos convencer de que todos, sem exceção, podemos ser vencedores – da copeira ao presidente da empresa – com determinação e força de vontade. E mais: se você não está feliz ou ainda não atingiu o sucesso, fique calmo: saiba que a culpa é somente sua! Isso será dito de forma delicada, é claro, quase como um afago diante do desespero, envolto no discurso da meritocracia, da autopromoção e do marketing pessoal.

Ao reverter a culpa pelo fracasso ao sujeito, elimina-se qualquer responsabilidade em relação ao modelo do mercado, tido como infalível. Nada pode derrubá-lo, aliás, não existem motivos para isso. As únicas falhas existentes estão presentes nos indivíduos, ineficientes, incapazes. A essa alienação – resgatando Marx – une-se o fetiche do profissional-modelo, que aceita pequenos salários em troca de pomposos títulos, que trabalha além da jornada em nome da necessidade da empresa, que compra a ideia de um produto ruim, mas que gera lucro, e que, ao ser demitido, entende que sua colaboração naquela instituição não é mais necessária, sendo hora de alçar novos voos. Esse profissional "perfeito", que se recicla como lixo para voltar a ser útil, torna-se inumano, subjugado pela ilusão de que, se assim o for, o sucesso baterá à sua porta.

Frustrados, muitos desses não vencedores aquiescem em sua condição e se rendem ao

OSTENTAÇÃO

conformismo, aceitando-se como dependentes de um sistema que os aprisiona. O trabalho realizado no emprego torna-se, ao invés de agente de emancipação humana, um fardo a ser carregado. Precisamos aceitá-lo da forma como é, pois, se há algum problema, ele está em mim, não no modelo; não nas condições a que me submetem, nem na estrutura predatória que o mercado impõe. Tais pessoas colocam-se numa jornada sem rumo ao vazio do capital, mas desejando conquistar aquilo que talvez seja o fim último do ser humano: ser feliz! – diria Aristóteles. No entanto, como sê-lo diante do fracasso? Eis que a voz sublime do consumo, como o canto alentador de uma sereia, mostra-se como redenção. Se os medievais buscavam a salvação da alma na igreja, nós buscamos a salvação do corpo mesmo, num shopping (pois não dá tempo de esperar, tudo é urgente!). A felicidade vem em pequenos pacotes, embrulhadinha com o desejo de ser descoberta. "Abra a felicidade", dizem, pois o mundo está aí para ser curtido, devorado, sempre com pressa e pouco senso crítico, com a pequena exigência da concessão do dinheiro obtido ao longo da frustração diária como forma de compensação por toda essa maravilha. Mas, fazem-nos pensar: o que é isso diante da possibilidade de felicidade instantânea?

A propaganda torna-se o mais importante guia sobre nosso modus vivendi. Não importa se você gosta ou concorda com algo, mas precisa daquilo para mostrar aos outros que tem e que pode fazer. O guia de como ser feliz está espalhado pelo mundo em outdoors, revistas, anúncios; passa na TV a cada instante; está à distância de um pequeno toque. Adorno nunca esteve tão certo sobre a necessidade de se criar padrões de comportamento para se definir padrões de consumo. Sabe o brinco da protagonista da novela? Amanhã estará nas mais diferentes orelhas, vindo da joalheria "oficial" ou do camelô, "oficioso". Mas, o que importa é o uso, a ostentação: não para si, mas para os outros. Estar na moda é estar atento aos outros. Não importa o que penso, mas o que pensam. Não importa o que sou, mas o que tenho.

Impregnados por essa lógica insana, de docilidade e conformismo no trabalho e de voracidade e dependência no consumo, nos é apresentada outra máxima publicitária, recitada como mantra, para que saibamos que esse é o jeito certo de se viver: "Amo muito tudo isso"! O questionamento e a reflexão sobre esse modelo de vida – se é que podemos assim considerá-lo – são proibidos. A conformação é condição para o reconhecimento por parte de todos, da família aos amigos, da empresa à igreja.

Neste réquiem de moribundos, cada um de nós se insere sob uma perspectiva, seja a dos que sofrem com as consequências do sistema, seja a dos que usufruem das migalhas espalhadas ao longo do caminho. O que importa é manter essa roda girando, mesmo que às custas de solidão, desigualdade, violência, intolerância e até da morte. Todos pagarão o preço – alguns mais, outros menos – pela manutenção do modelo de vida ao qual ousamos não criticar, mas aceitamos de bom grado como um presente, capaz de incutir no ser humano a ilusão da oportunidade e da realização oriundas apenas de esforço próprio.

Cerceados pelo ritmo frenético do mundo em que vivemos, nos vemos – como aponta Zygmunt Bauman – diante de uma realidade fluida, onde sentido e objetivo deram lugar ao supérfluo e transitório, numa busca sem razão por algo que nem sabemos bem o que é. Ser dócil e voraz nunca fez tanto sentido diante da sua própria contradição.

#MAISAMORPORFAVOR

Evenize Batista
Jornalista, assessora de imprensa e professora universitária; Apaixonada por arte e pintura em espaços públicos; Mãe de trigêmeos; Mestre em Comunicação e Cultura pela Uniso, especialista em Gestão de Cidades pela Faap e graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela Uniso.

Temos vivido tempos difíceis para quem crê no bem da humanidade. É preciso ser forte para manter o otimismo e não se deprimir diante de tanto desamor manifestado em preconceito, em intolerância, em discriminação, violências de todos os tipos e muros reais e imaginários que têm sido erguidos aqui e acolá. Seria essa angústia a razão de alguém ter resolvido espalhar uma mensagem sobre amor pela cidade?

Em meio a tanta informação triste, noticiário negativo que se dissemina em uma audiência que não presta atenção; gente que lê só 140 caracteres (quando muito); gente que se acostuma a consumir só superficialmente as informações, mas, mesmo no raso, resolve ir fundo nos comentários. Neste mundo agitado de menos relacionamentos, vemos gente que julga, condena e lincha com a língua ou os dedos afiados e envenenados. Vivemos tempos digitais, tempos de menos toque, de menos abraço e vem alguém com essas oito letrinhas, esses oito caracteres a céu aberto, e nos faz parar para ler e parar para pensar em amor.

Enfim, não será possível saber qual foi a motivação que levou esse alguém a sentir e, não bastando o sentimento, transbordar em tinta pela cidade um pedido por amor, ou seria um pedido de amor? A tal motivação deixamos de especular, mas sabemos que essa mensagem não é exclusividade das ruas de Sorocaba. Ela está espalhada pela internet. E, acompanhada de “por favor”, se fortaleceu em uma hashtag que viralizou e praticamente ganhou caráter de campanha nas redes sociais.

Trata-se, então, de um movimento? Parece que sim. E se é organizado ou não, não faz diferença, o fato é que nos grandes murais que são a rua e as redes de relacionamento, esse apelo

Rua Pernambuco

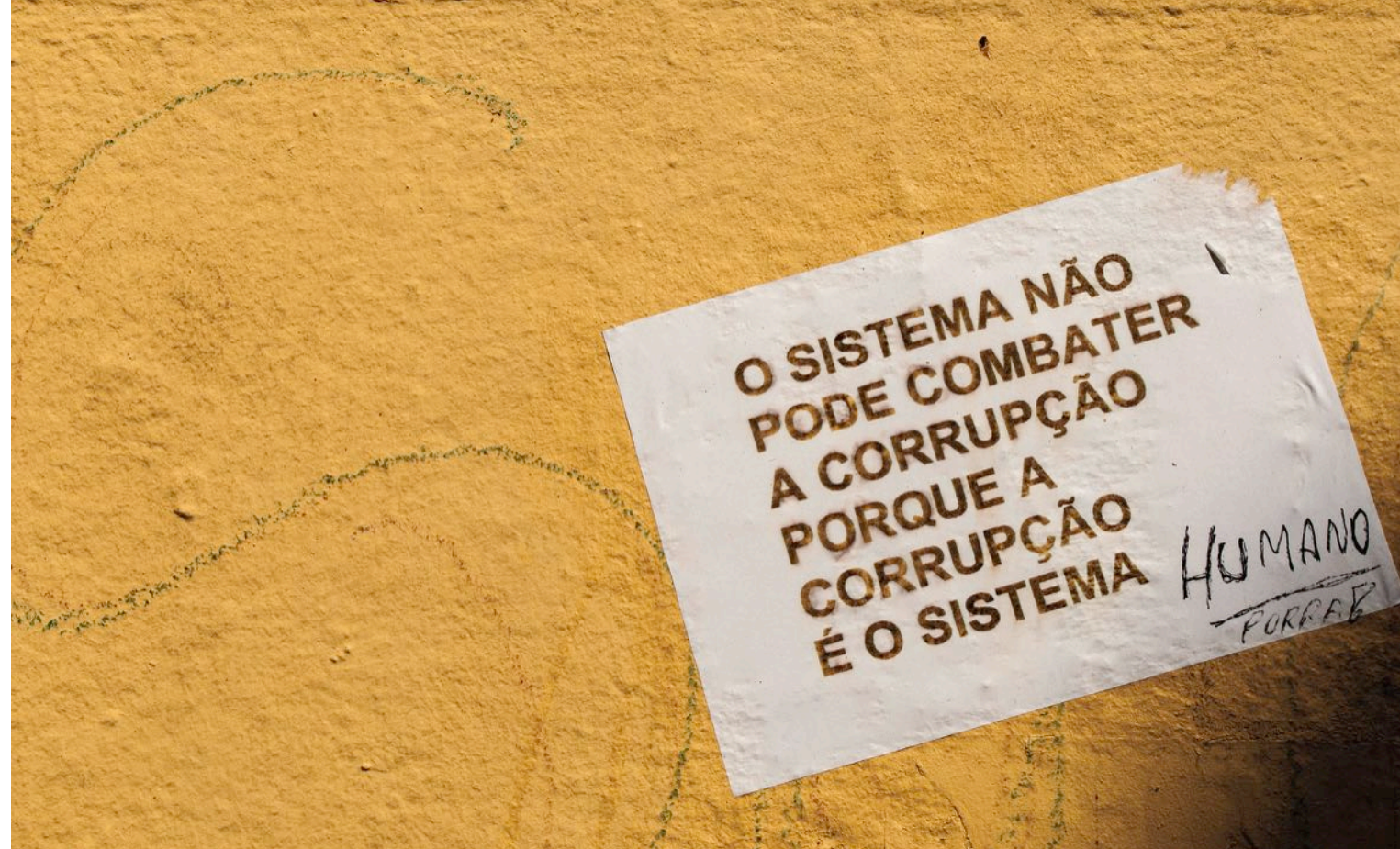
está presente e apto a significar em cada um que vê, lê, pensa e sente. Com maior ou menor profundidade na interpretação, no efeito que essa mensagem causa, ela surgiu e continua sendo, inegavelmente, uma semente.

Assim, conseguimos ver que a criatura grafitada segura com cuidado e oferece o coração como uma flor. A cicatriz aparente não deixa dúvidas de que não foi fácil chegar ali e ele estende aquilo que tem, mesmo maltratado. É o melhor que tem a dar. Ao mesmo tempo que nos pede, aquele indivíduo nos dá primeiro o seu próprio amor, gesto de compaixão diante das dores e angústias que permeiam a vida de cada um.

Cada um sabe o quão combalido está o próprio coração, mas, diante do apelo anônimo do grafite, somos convidados a pensar no assunto e sobre como nos comportamos no cotidiano. E, em se tratando de amor, fica o convite para refletirmos sobre o que amamos. Nesse aspecto estão as pessoas e nossos relacionamentos com elas, sejam nossos pais, nossos filhos, nossos companheiros, nossos amigos e nossos bichos de estimação. Mais que isso, podemos olhar para essas relações e pensar como amamos e como temos manifestado e vivido as relações de amor. Temos estado próximos ou presentes nas vidas dessas pessoas, temos conseguido dizer que amamos, temos conseguido sentir o amor, mesmo com o pouco tempo que a rotina nos deixa? Podemos amar mais?

E quando alguém faz o pedido ou a sugestão por mais amor, também podemos pensar nos gestos de amor. Como nos relacionamos com a vida, com as pessoas conhecidas e até com as desconhecidas. Sim, dá para ter amor pelo desconhecido. O amor transborda e pode estar presente em qualquer tipo de relação, dá para fazer com amor, falar com amor, até dá para corrigir com amor.

Voltando à inspiração do início deste texto, que foi o contraponto do desamor, da angústia cotidiana, é justamente esse conceito que o boneco andrógeno nos sugere desconstruir com amor. Se conseguirmos mudar o foco, podemos reverter o jogo do mal, podemos preencher espaços e relações com o que é bom e, pelo menos, tornar melhor, mais leve, mais afetivo, mais afetuoso o nosso dia-a-dia.

E assim, aquela semente que não foi plantada, mas sim pintada no muro de um colégio, terá germinado e ajudado a mudar o rumo, mudar o assunto, mudar o clima, mudar a forma de nos relacionarmos. E, se não é possível saber quem foi que deixou aquele recado capaz de atingir nossos corações, a melhor forma de agradecer, certamente, é acolher aquele pedido, aceitar o convite para amar e disseminar a corrente do bem.

Praça Frei Baraúna

A CORRUPÇÃO COMO REFLEXO DA AUTOSSIMILARIDADE SOCIAL

Danilo Vieira Vilela
Doutorando em Direito Político e Econômico na Universidade Presbiteriana Mackenzie (Bolsista Mackenzie). Mestre em Direito Obrigacional Público e Privado pela UNESP, Especialista em Direito Processual (UEMG), Direito Penal e Processual Penal (UCDB) e Direito Empresarial e Advocacia Empresarial (Anhanguera-Uniderp) e MBA em Gestão Empresarial (UNESC). Professor na Universidade de Sorocaba. Advogado.

Desde sempre o tema “corrupção” é presente na ”boca do povo”. É assunto recorrente no boteco, no elevador, na redação do vestibular, no jornal e na internet. É um tema tão presente no dia-a-dia que até mesmo os corruptos adoram falar de corrupção. Por isso, não é de se estranhar que o tema tenha chegado aos muros da cidade.

Muitos veem na corrupção um agir inescrupuloso daqueles que detêm o poder e, em favor de seus próprios interesses, prejudicam o interesse público e a coletividade por meio de negociatas e trocas de favores espúrios. E está certo quem pensa assim. A corrupção é, lamentavelmente, ínsita à esfera pública, espaço onde deveria ser ampla a preocupação com o interesse coletivo.

Em razão disso, diversas foram as tentativas de aperfeiçoamento da Administração Pública. Assim, Vargas, ao submeter a Administração à legalidade, tentou, sem sucesso, afastar as práticas patrimonialistas então dominantes. Já nos anos noventa, uma nova Reforma Administrativa, partindo da premissa da eficiência, tentou estabelecer padrões e condutas aptas a superar a histórica confusão feita por aqueles que insistem em gerir o público como se privado fosse. Novo insucesso! Apesar de avanços terem sido alcançados, a Administração Pública continua infestada por práticas que, sob nova roupagem, reproduzem o padrão coronelista do início do século passado. Destarte, tanto o nepotismo quanto a reiterada troca de favores, muitas vezes acobertada pelos supostamente legais "cargos comissionados", são alguns dos fatores responsáveis pela perpetuação das práticas de corrupção no espaço público, das quais resultam escândalos que alimentam os noticiários, que os exploram nem sempre com a devida objetividade e imparcialidade, ou seja, nem sempre de forma menos corrupta.

Contudo, a corrupção não se resume à esfera pública. Ao contrário: é cultural, social e, muitas vezes, introjetada como algo natural. Outrossim, ainda que a solicitação de privilégios já constasse na carta dirigida ao Rei de Portugal, quando os portugueses aqui chegaram, a corrupção não é "privilégio" brasileiro, tampouco manifesta-se diferentemente de outros lugares, como, muitas vezes, o complexo de vira-latas nos induz a imaginar.

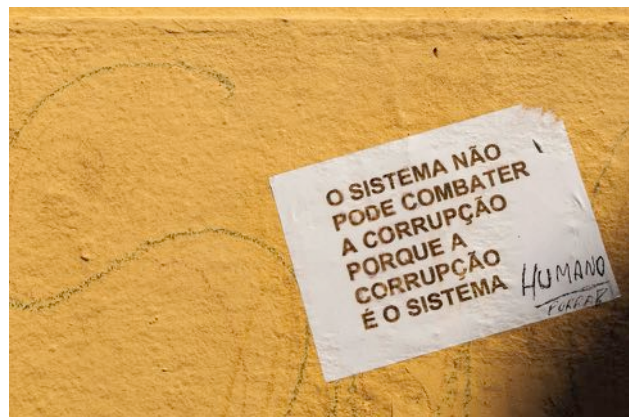
A corrupção está presente em todas as sociedades, independentemente do contexto histórico ou geográfico. Onde quer que haja meios de se obter favorecimentos espúrios, lá estará o germe da corrupção, cujo desenvolvimento será diretamente proporcional à impunidade e à aceitação social.

Já no âmbito privado, da mesma forma que fomos moldados a acreditar no brasileiro como o "homem cordial", do que resulta a falácia de que não existe racismo, intolerância ou machismo entre nós, também somos direcionados a acreditar que o "jeitinho brasileiro" é razão de orgulho para, malandramente, nos darmos bem nas mais diversas situações.

A expressão "corrupção" vem de decompor ou deteriorar algo, significando, assim, a forma pela qual se deturpa a norma legal ou costumeira com o intuito de ludibriar terceiros em benefício próprio ou de outrem. Assim, a prática de furar uma fila, ultrapassar pelo acostamento ou "colar" diante de uma avaliação nada mais são que alguns dos inúmeros exemplos de

CORRUPÇÃO

práticas corruptas (cada vez menos) aceitas no cotidiano.

Se o agente público que recebe propina para deixar de autuar o infrator é corrupto, isso se dá porque alguém o corrompeu. Se o candidato é corrupto porque "compra o voto", só o é porque o eleitor o vende. Da mesma forma, as práticas cotidianas só são repetidas porque

contam com o beneplácito da sociedade em geral, que, muitas vezes, vê no “malandro” o astuto, o hábil e mais apto, reproduzindo, dessa forma, um sem número de “macunaímas”, verdadeiros heróis nacionais sem nenhum caráter.

Como evidencia o cartaz, a corrupção é o próprio sistema. Por isso, para combatê-la, a saída deve ser encontrada fora do sistema. Assim, não dá para imaginar uma reforma eleitoral elaborada por quem não tem interesse que ela funcione, da mesma forma que é inviável uma reforma educacional liderada por aqueles que defendem interesses contrários ao ensino crítico e emancipatório, por exemplo. No mesmo sentido, o enfrentamento da corrupção no espaço público não pode ser feito à margem dos direitos e garantias individuais, como ao contraditório e à ampla defesa, sob o risco de se corromper o próprio combate à corrupção, numa espiral sem fim.

Se “o sistema não pode combater a corrupção porque a corrupção é o sistema”, a saída deve ser para além do sistema. Ou seja, somente a reforma íntima, pautada por valores de solidariedade e justiça social, é capaz de despertar em cada um o sentido de cidadania necessário e imprescindível para o enfrentamento da corrupção.

Na matemática, a teoria dos fractais explica a autossimilaridade, através da reprodução de modelos. Desse modo, a sociedade reproduz, em si mesma, cópias dela própria. Dito de maneira mais simples: assim como juntando-se várias laranjas não se chega a um saco de maçãs, não é possível dizer que haja um sistema corrupto composto por pessoas honestas. Se a corrupção é sistêmica e generalizada, a solução há que ser a partir da menor partícula que compõe a sociedade, o ser humano.

Rua Pernambuco

JUSTIÇA

Aldo Vannucchi
Mestre em Teologia e Filosofia pela Universidade Gregoriana de Roma, com vários cursos de Especialização, em Roma, na Universidade do Estado e na Urbaniana, na Universidade de Genebra e na Universidade de Louvain. Professor universitário de componentes curriculares das áreas de Educação e Filosofia. Foi Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba e Reitor da Universidade de Sorocaba (Uniso). Hoje é Assessor da Reitoria da Uniso e seu Ouvidor.

Em agosto de 2016, o Boulevard Olímpico, no Rio de Janeiro, se enfeitou com um mural de 2.780 metros, representando os povos nativos dos cinco continentes, em alusão aos anéis das Olimpíadas, que lá pregavam a união entre os povos. Como a obra maior do mundo nesse gênero, entrou para o Guiness.

fazer as coisas falarem o que, muita vez, os meios habituais de comunicação não comportam, não aceitam ou não sabem evidenciar. Surgiram assim os murais do mundo greco-romano, as maravilhas de Giotto, na Idade Média, a Capela Sistina e a Última Ceia, no Renascimento, e no século XX, pinturas geniais de Picasso, Miró, Chagall e tantos outros, na Europa, enquanto Diego Rivera, no México, transformava essa arte em arma certeira da renovação nacional, e, aqui no Brasil, Portinari deslumbrava com o seu "Guerra e Paz".

PROTESTO

Assim, terminados os jogos Olímpicos, um antigo muro abandonado da cidade foi presenteado com o estupendo painel de Eduardo Kobra, paulista de fama internacional nesse ofício. Pintado com o apoio de toda uma equipe, durante quarenta e cinco dias, esse trabalho me abriu caminho para refletir um pouco sobre o sentido e a importância da comunicação visual pela arte da rua.

Desde o homem da caverna até hoje, sempre se sentiu a necessidade de mostrar a condição humana encarnada nas árvores, nas rochas, nos astros e nos animais, em diálogo simbiótico. Das pinturas rupestres aos poemas líricos e épicos, tudo são tentativas de

Hoje, porém, seria cegueira culpável reduzir a arte pictórica ao muralismo. As ruas ganharam foros de tribuna popular. O que parecem, simplesmente, rabiscos esporádicos de mau gosto constituem, na verdade, manifestações de um pensamento provocativo ou divergente, inscritas aqui e ali pela cidade. De uns cinquenta anos para cá, eles, os grafiteiros de escrita própria e livre, tomaram o mundo. É gente sem voz, bradando contra as ditaduras da ideologia, do lucro, do consumo, da chapa branca, dos privilégios, das chefias.

"Nos chamam de loucos num mundo onde os certos fazem bombas". Recados curtos e lancinantes como esse parecem se desprender de paredes e muros despretensiosos para acordar os adormecidos na alienação burguesa.

A linguagem do grafite

A linguagem do grafite é, sabidamente, paradoxal. "Penso, logo desisto" parece sinal de rendição e, na realidade, evidencia impulsos de uma reflexão ameaçadora. Quem pensa faz pensar incautos e acomodados, porque "a pior prisão é a da mente". Daí o tom evocativo e provocante dessas mensagens: "Mão na massa; nada vem de graça".

Mas, para análise mais detida do grafite, fixemo-nos no quadro acima, com o olhar da Filosofia. Antes de mais nada, pelo viés antropológico. O anonimato da obra não esconde seu autor. Homem ou mulher, trata-se de alguém aparentemente anônimo, mas presente e ativo no cenário urbano. Não existe a cidade sem eles e elas, pessoas cientes e conscientes de que falam pela massa sem ser massa de manobra.

O deslize gramatical – "à todos" – não lhes enfraquece a mensagem, primeiro, porque é seu direito fundamental ter opinião, obedecendo ou não às regras da escrita culta e, segundo, porque o conteúdo e o objetivo dessa fala contracultural visa, precisamente, contestar a pretensa aplicação cega e igualitária da justiça erga omnes. Entre as duas palavras, merecem mais atenção o protesto e a denúncia do que o erro. O que aparece errado desmascara o que parece certo.

Outro enfoque do quadro merece atenção, o estético, porque além de letras, também falam os desenhos e as cores: em verde, as letras; a casa rústica, ao lado, e a cruz mínima, no alto, em azul. O verde é cor quente, cor da primavera, do reino vegetal, dos movimentos ecológicos e da virtude teologal da esperança, daquela que é a última que morre. Pintadas nessa cor, as palavras revelam certeza de atingir o alvo. Plantam verde, para colher maduro. Já o azul

dos dois espaços combina de modo perfeito com o projeto de justiça ali exposto, porque é a cor mais pura, a mais profunda, a cor do firmamento, dotada até de significação metafísica, na medida em que suaviza as formas e desmaterializa o que reveste, transformando o sonho do tudo azul na realidade do tudo em ordem.

Profetismo de spray

Numa cidade, há os que passam, os que chegam, os que saem, os que ficam, mas nem tudo está bem resolvido para todos que ali moram. Há os que moram na rua e os que moram onde não há rua. Numa visão de conjunto, o tecido urbano ostenta, de um lado, a sonhada segregação dos condomínios para quem pode, e, do outro lado, a exclusão sofrida das áreas de risco para quem não pode. Faltam moradias numa cidade em que sobram casas vazias, à venda ou para aluguel.

No velho mundo dos profetas bíblicos, esses escândalos de diferente perfil, mas de igual crueldade, geraram constantes denúncias, registradas pela história. “Pratiquem a justiça e façam o que é direito”, clamava Isaías (cap. 56, 1), repetido por Oseias: “Semeiem a justiça” (cap. 10, 12). Mais contundente ainda, a crítica apaixonada e veemente de Amós contra os agentes e os mecanismos de opressão ao povo: “Odeiem o mal e amem o bem: restabeleçam a justiça!” (cap. 5, 15).

Amós tem consciência de que o problema fundamental da injustiça reinante na sociedade do seu tempo tinha como causa motriz estruturas sócio-econômico-político-culturais que engrenavam uma máquina de moer pessoas, com relações comerciais ajeitadas para provocar endividamento, aprisionar e escravizar as pessoas.

Muito dessa literatura radical de protesto e resistência pode ser lida, hoje, revisitada pelos grafiteiros e sintetizada, aqui em Sorocaba, no JUSTIÇA À TODOS, fotografado no muro lateral de uma tradicional escola, à Rua Pernambuco. Soa como grito de confronto, com o recurso de uma arte transgressora, mas também humanizadora, porque dá voz às minorias, na linguagem popular de letras e desenhos coloridos. Não se fale em pichação, vandalismo ou poluição visual. Na verdade, com tinta de spray, alguém deixou naquela superfície rude um pouco do sangue de assalariados que lutam, há anos, pela casa própria e muito das lágrimas dos que perderam seu barraco por inundação, por incêndio ou desintegração de posse. Ali, em verde e azul, pinta-se a sede de justiça.

R. Barão de Cotegipe

SER OU NÃO SER...

Edgar Albuquerque

Edgar nasceu em Sorocaba. Técnico em Processamento de Dados, graduado em Letras e Filosofia. Entre idas e vindas no ramo da informática, um belo dia decidiu ser professor e dedicar-se à educação. Mestre em Educação, divide seu tempo entre as aulas nas universidades, a fabricação de cerveja e seus escritos filosófico-literários. Pode ser visto nas redes sociais em: http://www.edgar.pro.br

Os sentidos das palavras são dinâmicos. José Saramago, escritor português, em uma de suas participações em fóruns sociais, destacou a importância de compreendermos que as palavras e seus significados se modificam ao longo do tempo. E eu acrescento: se modificam não

apenas ao longo do tempo, mas em contextos distintos. Nos apropriamos das palavras e nelas imprimimos muito mais do que aquilo que os dicionários grafam. Palavras ganham vida nos cotidianos das pessoas, nas páginas dos livros, nos muros das cidades.

Tomemos a palavra humildade por exemplo. Um dos seus sentidos se encontra nos tempos medievais, quando o pensamento teológico predominava naquilo que poderíamos chamar de "o espírito da época". Ser humilde é ser como o servo que confia sua alma ao Senhor. Em tempos posteriores, já próximos do contemporâneo, Nietzsche, filósofo alemão de imponente bigode e de fortes pensamentos, associou a humildade à ideia que ele mesmo cunhou, à "moral do escravo". Ser humilde é uma forma de ser servil. Enquanto o servo do Senhor, no contexto da teologia medieval, o é por respeito à divindade, o servil de Nietzsche o é por medo. Medo que lhe foi incrustado pela moral. Moral – palavra que pode significar aquele conjunto de normas, de regras, de comportamentos desejados num certo momento –, quando direcionada pelos poderosos aos fracos e oprimidos, os faz acreditar que ser humilde é uma virtude. Ser humilde é o escudo que os protege, pois ao arrogante, ao soberbo, ao audacioso que, incauto, provoca o poder dos senhores e desafia-lhes a moral, a este resta o fio da espada, o estalido da chibata ou o olhar de reprovação do rebanho.

Pois bem, calhou que José, mais um da Silva qualquer, sobre nada disso sabia. José, que veio da selva, por isso da Silva, um silvícola cujos passos dos antepassados se perderam em misturas típicas da nossa brasilidade – e, também, porque sua história jamais foi contada pelos senhores da moral – não teve a oportunidade de assistir às aulas de antropologia, filosofia e sociologia que aconteciam no interior da universidade. José, doravante Zé, para que ganhemos intimidade, da universidade nada sabia a não ser o seu ofício: faxineiro. Humilde, Zé baixava a cabeça sempre que um figurão, doutor nisso ou naquilo, lhe cruzava o caminho. Ponha-se no seu lugar Zé, dizia-lhe a avó, Dona Dirce, ainda nos tempos de criança. Essas coisas de estudo não é pra gente, Zé. Sê humilde, trabalha! Trabalha...

PALAVRAS

Absorto em pensamentos enquanto varria o corredor, Zé, sem se dar conta, foi de encontro ao docente que, nada dócil, despejou-lhe toda a sua fúria. Olhe por onde anda, animal. Envergonhado, humilde, Zé tentou apanhar as páginas do relatório acadêmico que haviam caído ao chão, mas foi empurrado para longe. Suas mãos calejadas pela lida com a vassoura foram afastadas da brancura das folhas A4, todas muito bem diagramadas pelas normas da ABNT. De olhos murchos e cabeça baixa, pediu desculpas, mais que isso, pediu perdão. Sê humilde, dizia a sua avó. Bem, o fato é que Zé, assim como muitos outros tantos da Silva, é feito de carne, ossos e nervos. Nervos que afloraram quando o desprezo acumulado por anos a fio se fez sentir no olhar pontiagudo e duro como o aço das espadas que o indócil docente lhe lançou. Ponha-se no seu lugar, disse-lhe o PHDeus.

Hamlet, o jovem príncipe da dramaturgia shakespeariana, assolado pela dúvida, pergunta a si mesmo:

> *Ser ou não ser? Eis a questão. Será mais nobre sofrer na alma pedradas e flechadas do destino atroz? Ou pegar em armas contra o mar de angústias e combatendo-o, dar-lhe fim?*

José, Zé, que de Hamlet nada sabe, decidiu ser! Seu sangue cafuzo ferveu e em borbulhas, aqueceu-lhe as cordas vocais que, em tom firme e soberano, para a figura agora assustada com o levante daquele moribundo, proferiu a rima*

> *Humildade não é escudo, nem nosso sofro é orgulho*
>
> *Se espantou pois esqueceu que vaia também e faz barulho*
>
> *Maloca... vários monstro ao meu redor*
>
> *Quanto mais gente conheço, mano, me sinto mais só*

e, ato contínuo, atirou a vassoura para longe enquanto seus passos, carregados de antepassados, o levou para distante daquele mar de angústias. Chega de pedradas, chega!

Vó Dirce balançava a cabeça em sinal de reprovação. Zé, cê é louco menino? Loucura para o nosso José seria continuar submisso. Loucura para o nosso Zé, silvícola, selvagem, da Silva, seria negar sua dor e escondê-la sob o escudo. Loucura, aquela elogiada por Erasmo, ainda que José de Roterdã nada soubesse, era sinônimo de paixão. É loucura opor-se à razão – outro nome para a moral. Onde já se viu, menino, largar o emprego assim. A vó, servil desde menina à moral dos senhores, no ato insano, louco, não via razão. Sê humilde, aplaca suas emoções e faz o que é certo fazer, obedece. Mas Zé, na explosão da loucura, a loucura que merece elogios, percebeu que não havia o que explicar à velha Dirce. Repousando a mão sobre o ombro cansado da vó, deixou apenas que a leve pressão dos dedos sobre a pele sofrida da anciã dissesse o que as palavras jamais conseguiriam dizer, fossem em folhas A4, fossem em muros da cidade.

** Poesia da Madrugada, Nocivo Shomon.*

QUATROPÊ

Ed Mulato
Ademir Barros dos Santos: Coordenador da Câmara de Preservação Cultural do Núcleo de Cultura Afro-Brasileira – Nucab – da Universidade de Sorocaba – Uniso; mestrando em Educação pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar – campus Sorocaba. Pesquisador de negritudes, com foco em história, cultura e religiosidade de matriz africana.

Encontramos, pelos muros da cidade, a seguinte pichação: “4P – Poder para o povo preto!”.

Mas, por que “poder para o povo preto”? Ou será “Poder para o povo preto?”. Para que será, afinal, que o povo preto quer poder? Ou, ainda: o que será que o povo preto não pode e quer poder?

Na verdade, parece que o Poder é que não quer o povo preto: afinal, há mais de meio milênio vem ele afirmando que o povo preto não tem qualquer saber, que sua cultura é inferior, que sua religiosidade se resume a adorar o demônio, e por aí afora.

Para além, há que se atentar que há mais de meio milênio que o povo branco atira o povo preto para as beiras da sociedade e o coloca em favelas, confinado em insanas periferias.

Pior: durante mais de meio milênio que o mata. Por qualquer motivo. Ou, mais claramente: pelo mero motivo de pertencer ao povo preto!

Exagero? Infelizmente, não: os Estados Unidos, mesmo quando foi comandado por alguém do povo preto, ainda continuou em convulsão social causada pelo assassinato, puro e simples, de pretos porque pretos. Em outras palavras: de qualquer cidadão que se atreva a pertencer ao povo preto.

Sim, é lá, nos Estados Unidos. Porém, por que alguém, no mundo, se julga no direito de matar gente de cor preta? Ou de jogar bananas em campos de futebol, chamando de macacos jogadores de cor preta? Isto, também na Rússia e no Japão, que sequer conviveram com a escravização de africanos. Assim também aqui, no Brasil.

No Brasil. Onde meninas são agredidas a pedradas, apenas porque adeptas de religiões

Rua José de Andrade

RESISTÊNCIA

provindas do povo preto. Mesmo quando estas meninas, em si e na cor da pele, sequer são pretas! Portanto, basta filiar-se ao povo preto para sofrer as agressões que atingem o povo preto!

Sim: no Brasil. Onde se incendeiam, impunemente, terreiros de candomblé. No Brasil, onde não se encontram vendedores pretos nos grandes e médios magazines. No Brasil, onde o genocídio do povo preto se reflete, escancarado, permanente e consistentemente, nas estatísticas oficiais!

Daí que é bom saber que poder deseja o povo preto: com certeza, não quer, apenas, o Poder. Ou o quer? Mas será que o senso comum, que lhe embutiu, na cabeça, a baixa autoestima, que se lhe desenvolveu a ideia de que não deve se expor em cargo público, o impede de almejar a tanto? Caso contrário, talvez deixasse mais exposta a cara preta nos santinhos das eleições...

Talvez, até queira o Poder Oficial. Mas, primeiro, precisa que sua cara preta apareça mais nos meios de comunicação em massa. E também na docência, do ensino fundamental à pós-graduação, além de na gerência de grandes empreendimentos e na ocupação de cargos públicos de confiança... Lugares que lhe são negados, pois que relegado, consistentemente, à fantasmagórica posição da invisibilidade institucionalizada.

Porém, para ele, ocupar estes lugares é penoso: trazido que foi, involuntariamente, para as Américas, onde foi colocado, compulsoriamente, na posição de trabalhador achincalhado e não remunerado, desmantelado, animalizado, domesticado à força e a pau, além de impunemente mutilado, tanto cultural quanto fisicamente, ainda se esbate para sair da condição de senzalado social.

Assim sendo, parece que o povo preto quer, mesmo, é, apenas, ser o que é: gente. Preta. Mas, apenas, gente.

Gente que tem saberes e quer jogar sua capoeira para além do mero folclore; que quer cantar seu samba como cultura, não apenas como diversão; que quer dançar e festar sem que a polícia o prenda na rua, apenas por portar a pele preta; que quer rezar para além das pedras que lhe atiram; que quer ultrapassar as fogueiras da Inquisição moderna, que destroem suas casas de culto.

Resta saber: qual Poder, afinal, permite, aos caras-pálidas, arrastar mulheres pretas, comuns, pelo asfalto a que elas, nem sempre, têm acesso? Ou, quando o têm, constantemente o é, apenas, para visitar os seus maridos, presos, nem sempre justamente; ou para ver, transmudados em cadáveres, embora ainda mal saídos dos cueiros, seus filhos, atirados ao chão da cor de sua pele e ao léu, que os acolhe sob o signo do "auto de resistência"...

Resistência essa que, no extremo, é a indelével marca deste povo preto que, mesmo amordaçado, achincalhado, agredido e mutilado, perene objeto do povo branco, que o trata, sempre, como inerte e não lhe permite tornar-se sujeito, ativo, produtivo, nem mesmo da própria história, ainda assim compõe a maioria do povo brasileiro. Isto, apesar do indubitável genocídio...

Portanto, pouco adianta se o Poder constituído tudo nega ao Povo Preto. E não concede quase nada ao Povo Preto.

Afinal, ao Povo Preto pouco importa que o Povo Branco, formado por protoalbinos que insistem em compensar a falta de melanina com o excesso de poder, lhe negue o direito de ser quem é; isto porque, ao fim de tudo, nada pode parar o Povo Preto.

Porque o que se lê nos muros pichados não é declaração de guerra: é pedido de socorro. É o sinal dos braços abertos para a conciliação, que já, lá longe, se anuncia no olhar de muita gente branca que se vê, apenas, como gente, para além dos preconceitos de gênero, origem, crença, cor ou "raça".

Até porque nenhum Poder pode parar o povo preto.

Daí os 4P: o 4, como cruz de braços abertos, que leva a mão à têmpora em sinal de acolhimento, ao lado do "P", de paz, porque crê na proximidade da conciliação.

Daí os 4P, do poder para o povo preto; ou melhor: 4P igual a Povo Preto Pede Paz.

Apenas, isto. É só.

Artigo publicado, resumido, no jornal Cruzeiro do Sul, em 13/12/16, página A2.

Rua Carmem Miranda

CONTRA O QUÊ?

Prof. Me. Roger dos Santos
Mestre em Comunicação e Cultura, especialista em História, Sociedade e Cultura, graduado em História, professor na Universidade de Sorocaba e membro do grupo de pesquisa MidCid, que estuda e problematiza a mídia e os processos socioculturais.

"Sem luta não há conquista!". Proclamação já vista na imagem acima, esse texto denota uma intenção de expressar que não há mais crença no diálogo, afinal, aquilo que se pretende mudar, o que se pretende por objeto, só será alcançado, em tese, por meio do enfrentamento mais contundente.

Além das palavras de ordem e de inscrições que remetem a grupos específicos, que sabem como decodificá-las, está também naquele muro o ano, 2016, recorte do hodierno que incita a memória a tantas insatisfações que as pessoas provam cotidianamente.

Aquela frase imperiosa causa incômodo, pois, uma vez conclamado o combate, o enfrentamento pela força ao invés do diálogo, abre-se mão de um conceito tão escasso na atualidade, a alteridade. Se o autor da escrita chama à luta, quem será o lutador? Qual o motivo dessa luta? Contra quem ou o que se lutará? Se o pretendido é uma mudança no estado de coisas, sob qual prisma se estabelecerá a possível nova realidade pretendida? Esse ethos permanece, ao mesmo tempo, oculto e multifacetado.

Ao fazer uma rápida leitura sobre a história recente, há exatos cem anos o mundo assistiu ao pior colapso militar já posto em prática, que ficou conhecido como a primeira grande guerra. A segunda guerra matou muito mais, porém, a devastação que o conflito de 1914-1918 imprimiu foi inédita. Naquele início dos anos 1910, havia um desejo claro de enfrentamento das nações, especialmente da França contra a Alemanha, fora outros entraves diplomáticos e bélicos espalhados pelo Ocidente, principalmente na Bósnia, onde ocorreu, literalmente, o primeiro tiro da guerra mundial. Onde o Brasil entra?

No mesmo recorte histórico, o país era uma república bastante jovem, batizada de Estados Unidos do Brasil. Ao se ter por base o ano de 1914, a república brasileira tinha 25 anos, tempo suficiente para uma nação discutir um projeto de Estado e colocá-lo em curso, no entanto, nestas paragens a história é outra… A se considerar o sem número de hostilidades que aconteciam naquele momento mundo afora, no Brasil, em rápido retrospecto, pode-se considerar a Proclamação da República, em 1889, como verdadeiro golpe de Estado, que depôs a monarquia em benefício da oligarquia.

O grupo minoritário que envolvia membros do exército, igreja e classes médias urbanas, além de fazendeiros que perderam com o fim da escravidão, foi à luta, pretenderam mudanças e conseguiram. Fora muitas ações golpistas anteriores a essa, a República, verbete oriundo da língua latina que significa coisa pública, para todos, na prática brasileira, ficou restrita.

Os primeiros 9 anos de república foram de governos militares, além do primeiro presidente ter sofrido um golpe. Os governos civis que estiveram à frente do Estado entre 1898 e 1930 estavam preocupados em cuidar de si, aquele país para todos ainda não se concretizara. A revolta da vacina, em 1904, trouxe à então capital federal, RJ, uma verdadeira guerra civil, mas o nome que se estabeleceu foi o de revolta popular, afinal o Brasil é lugar de gente pacífica, construído historicamente para ser uma espécie de Meca da felicidade.

COLAPSO

Em 1924, o levante tenentista, que gerou o bombardeio e a destruição de grande parte da cidade de São Paulo. Em 1930, golpe de Estado contra as oligarquias paulista e mineira, quando Getúlio Vargas tirou poderes de São Paulo e colocou o Rio Grande do Sul no mapa, sob um novo viés.

Resumidamente, até 1945 o país viveu uma fase de governo provisório, constitucional e ditatorial, com ações militares nesse período, levante comunista em 1935 e, em 1938, o levante integralista, versão brasileira do fascismo

europeu, ambos contra Vargas, que sob a égide de Estado Novo, instalou a ditadura entre 1937 e 1945, ano em que acaba a segunda guerra mundial e cai o Vargas ditador.

Na rápida experiência democrática que se apresenta entre 1946 e 1964, é interessante colocar que as vozes da esquerda foram silenciadas. Na democracia brasileira, nem todos puderam falar. Os governos que compuseram esse período foram iniciados por um militar, Dutra. Depois, governos civis que, entre renúncias, sucateamento da ferrovia e propostas para ações sociais, viram o Brasil sofrer mais um golpe contra a democracia. Outra vez um grupo foi à luta e logrou êxito.

Interessante que, até o momento relatado, o povo não foi convidado a pensar o Estado. É sabido que o país ficou sob governos militares por 21 anos, e aqui já se chega a 1985. Sem dúvida, houve avanços em determinadas áreas, porém, saúde e educação públicas permanecem na espera, principalmente no jogo do neoliberalismo e da globalização.

Quando se chega ao século atual é que se coloca, de forma mais prática, a noção de um país que, ao longo da história, dialogou de perto com a violência e com a exclusão. O grande pulo do gato que se tem hoje é a vasta e eficiente rede de comunicação.

Nessa proposta, na qual se vê a comunicação como caminho para a mudança, apesar das palavras de ordem grafadas naquele muro, tal ímpeto remete à memória um Martinho Lutero, que ao expor seu pensamento na porta da igreja onde era pároco, mudou a história do Ocidente, pois suas palavras foram copiadas territórios afora, rapidamente se alastrando pela Europa, isso em 1517.

De um papel pregado na porta de uma igreja para livros impressos e replicados internacionalmente, o que pode ser uma analogia com o presente texto, uma frase num muro, uma fotografia que viaja pelos bits da internet, conversas que se entrecruzam nas redes sociais, ações que possam ser tomadas que gerem mudanças, melhor e, principalmente, mudanças pautadas no diálogo, na consciência para a obtenção de direitos constitucionais para o povo, para que se possa discutir uma possibilidade de Estado para todos, onde possa haver poder para o povo, ou seja, um Brasil república democrática.

R. Barão de Cotegipe

AS MULHERES E O ESPAÇO PÚBLICO

Mônica Cristina Ribeiro Gomes

Jornalista, Mestra em Comunicação e Cultura e professora.

O feminismo está nas ruas, representado na paisagem urbana. A mensagem deixada no muro chama a atenção para a temática feminista, desafiando a própria lógica de ocupação do espaço público, se considerarmos que esse espaço é moldado pelas experiências convencionadas como masculinas.

Tanto é assim que a divisão social entre masculino e feminino custou às mulheres o lugar de coadjuvantes nas narrativas dos fatos históricos – isso quando não foram de todo excluídas, em determinados momentos. Como constata Michelle Perrot, a história das mulheres foi silenciada nos arquivos, a partir de uma vertente predominante na historiografia que dá visibilidade aos grandes feitos da vida pública, como a política, lugar tradicionalmente ocupado pelos homens e que sempre colocou restrições à participação feminina. Perrot defende que a cidade, compreendida como representação da esfera pública, é um espaço sexuado onde os homens comandam as principais instâncias de poder. Por isso, os acontecimentos históricos são apresentados como realizações eminentemente masculinas.

TRANSGRESSÃO

Do discurso histórico para o cotidiano, as mulheres reconhecem o quanto o espaço público é hostil à sua presença, em várias circunstâncias. Na rua, por exemplo, desde cedo aprendem a se acostumar com o assédio, uma prática que foi naturalizada, disseminada como um comportamento masculino aceitável. O sentimento de estar exposta a gracejos inconvenientes e ao risco de ser tocada na rua, situações já enfrentadas por muitas mulheres, faz com que sejam levadas a mudar seu percurso ou mesmo a deixar de ir a determinados lugares.

As restrições à livre participação das mulheres no espaço público estão na base da cultura ocidental. Confinadas à vida doméstica na Grécia Antiga, a elas não era permitida a vida na polis, o que significa ter negado o direito à cidadania e estar fora da vida pública. Quando essa possibilidade é negada às mulheres, isso significa diminuir sua humanidade. Nesse sentido, Hannah Arendt lembra que a convivência é um aspecto fundamental para a plena realização da condição humana. É esse “viver junto” que cria a própria noção de espaço público. Do contrário, isolados, nos tornamos impotentes para agir no mundo.

O direito das mulheres à cidadania foi tematizado ainda pela escritora Christine de Pizan, que utiliza a literatura como contestação da condição de inferioridade imposta às mulheres. Em resposta a uma sociedade misógina, a escritora cria a cidade das damas, um lugar imaginário onde mulheres de todas as épocas poderiam viver a salvo das diversas situações de depreciação intelectual e moral, e de violência extrema, como o estupro. Pizan cria essa bela metáfora de liberdade e ação feminina em pleno século XV.

Ao utilizarmos a perspectiva do gênero para a compreensão da realidade social, podemos notar o quanto é ambígua a própria definição de público, quando aplicada a homens e mulheres. Os significados mudam e deixam à mostra a maneira como a linguagem também opera na hierarquização das diferenças sexuais. Como lembra Perrot, o homem público é importante, tem uma função social reconhecida; já a noção de mulher pública frequentemente está associada a outros significados, que se referem à “mulher comum que pertence a todos”, nas palavras da autora.

Ambígua é também a relação das mulheres com o espaço doméstico. Embora seja o lugar da intimidade, onde, a princípio, se pode usufruir de descanso e segurança, é nesse círculo que se registram alguns dos maiores índices de violência contra a mulher brasileira. Metade das mortes violentas de mulheres ocorre em ambiente familiar, dados que contribuem para colocar o Brasil como o quinto, entre 83 países, com a maior taxa de homicídio feminino.

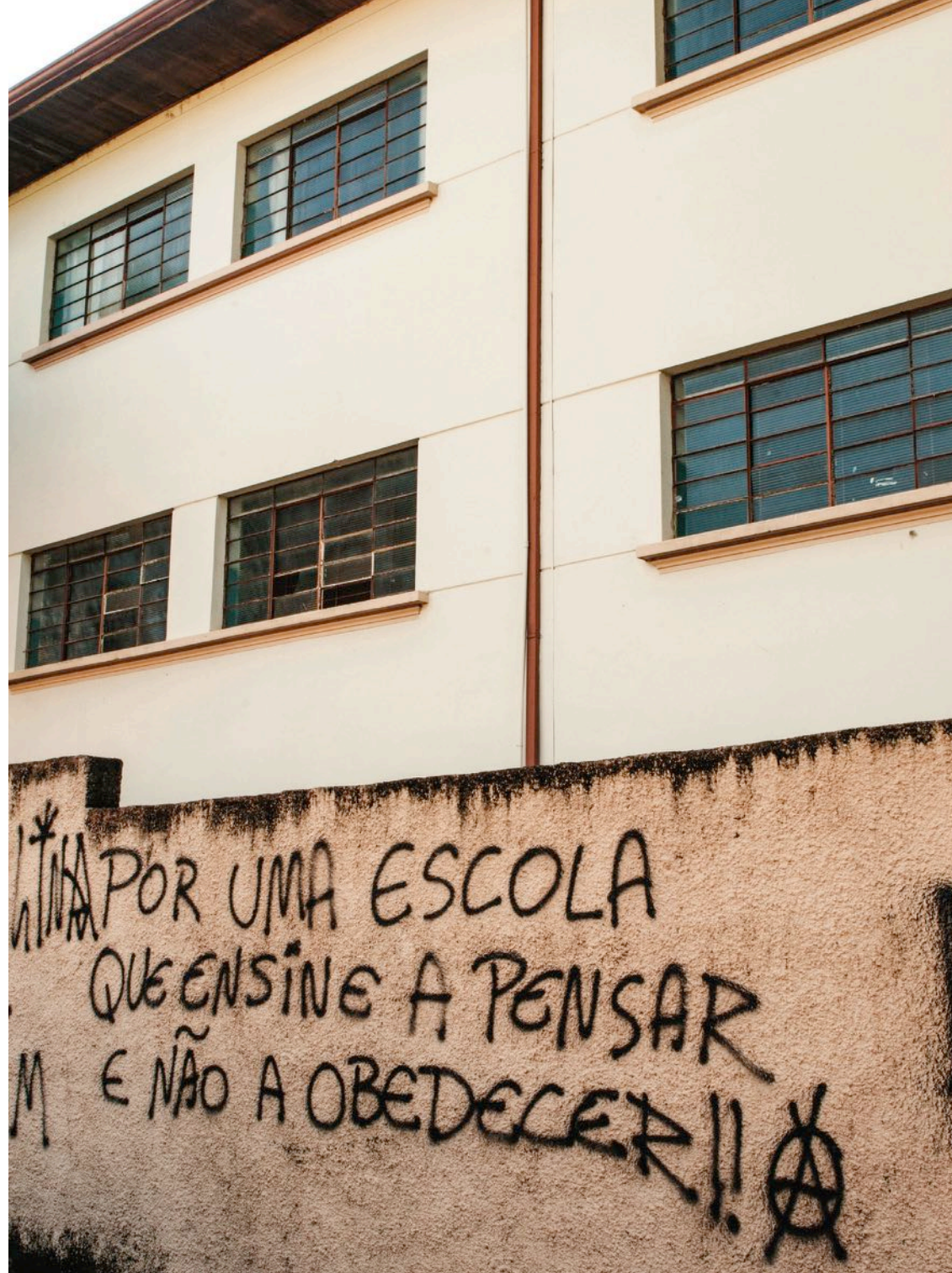
Diante dessa realidade, temos ainda a resistência ao entendimento do papel do feminismo e de como ele pode contribuir com reflexões e ações para uma mudança cultural profunda. Para o feminismo, são fundamentais e urgentes as transformações que venham a eliminar qualquer tipo de discriminação ou violência contra elas, seja no ambiente doméstico ou público. Pois se trata disso: superar as desigualdades que persistem sobre a condição feminina. Depois de tantas lutas históricas – pelo voto, pela igualdade de salários, pelo fim da violência doméstica, entre tantas outras em curso – ainda é preciso reforçar a que veio o feminismo e desfazer as incompreensões que teimam em deslegitimar um movimento que é plural em suas reivindicações. Desqualificá-lo faz parte de uma estratégia conservadora que tenta neutralizar seu potencial de transformação, como pontua a filósofa Márcia Tiburi: “Fala-se mal do feminismo para sustentar uma posição que ele põe em perigo”.

Diante desse histórico da relação das mulheres com a vida pública, a introdução de uma pauta feminista no espaço urbano com a frase “Feminismo salva vidas” não deixa de ser uma pequena e bem-vinda transgressão. É também um lembrete: continuamos aqui, resistindo e buscando a ressignificação desse espaço que, durante muito tempo, impôs limites à nossa atuação. E, sim, vamos falar sobre feminismo, como convida a mensagem.

Rua Epitácio Pessoa

Rua Gonçalves Ledo

Rua Epitácio Pessoa

Avenida São Paulo

Rua Pernambuco

PENSAR, DESOBEDECER, APRENDER, VIVER

Rodrigo Barchi
Doutor em Educação pela Unicamp, Mestre em Educação pela Uniso, Especialista em Educação Ambiental pela EESC/USP, Geógrafo pela Uniso. É professor coordenador do Curso de Geografia da Uniso, militante ecologista, autor de dezenas de artigos sobre educação ambiental, pedagogia libertária, ecologia política e filosofia política da educação ambiental.

Nunca fui um pich(x)ador. Meu moralismo infanto-juvenil, vindo de uma criação conservadora, me fez ser, até meados da juventude, um respeitador da propriedade alheia. Não queria problemas com a polícia, com violência, e o próprio risco da invasão e da escalada furtiva nos edifícios me impediram dessa ação.

Minha turma era outra. Fazia parte dos cabeludos da música extrema: satânica, anárquica, contestadora, ruidosa, licantrópica. A qual, a seu modo, também era uma pich(x)adora das instituições tradicionais, mas em forma de sonoridade, de vestimenta, de postura resistente e contrária. Havia um combate intenso contra as sociedades conservadoras contemporâneas, seus símbolos religiosos, suas posses ostentosas, suas pseudo boas condutas pessoais, suas aparências aceitáveis, seus modos de vida normalizados. Se minha fuga para a extrema esquerda não foi através das pich(x)ações, foi através das ruidosas sonzeiras.

Mas as pich(x)ações strictu sensu – ou seja, nos/dos muros e fachadas – deixaram de me incomodar quando resolvi inverter minhas leituras e perspectivas sobre a cidade, o meio ambiente, a educação, a ética e a política. Deixei de ver essas esferas do pensamento de modo utópico e passei a compreendê-las em suas múltiplas heterotopias. Uma inversão para lá de nietzscheana-deleuzeana, que permite fugirmos da busca pela perfeição e pela verdade para nos deixar levar pelos encontros furtivos entre os pensamentos das diferenças.

Inverter meu pensamento me fez perceber não mais a cidade apesar da pich(x)ação, mas a cidade através da escrita das paredes. Nesse exercício de pensamento – que em prática professoral se torna práxis, pois nossa prática de ser/estar na cidade também muda – pude perceber que as promessas urbanísticas e arquitetônicas de criação de urbes sustentáveis, plenamente integradas à natureza, acabam muito

DIÁLOGOS

mais por serem projetos fascistas de imposição de verdades pseudoecológicas. Afinal de contas, os pich(x)adores também têm um projeto paisagístico para o espaço urbano. E enquanto esse espaço não for um espaço democrático, igualitário, justo e ecologicamente viável, as pich(x)ações continuarão a promover sua força artística, política e educativa.

Se em perspectivas materialistas dialéticas a pich(x)ação pode, tranquilamente, – entre outras possibilidades – ser sugerida como uma antítese ao projeto hegemônico da cidade, em uma perspectiva libertária, de exercício das diferenças, a pich(x)ação é pura imanência, membro inseparável da vida urbana, que o pich(x)ador entende como um amplo campo de ação, onde pode construir, constantemente, seus projetos de transformação urbana.

A pich(x)ação se faz difícil no diálogo com as esferas não familiarizadas com sua linguagem. Os traços, as iniciais, as letras, os nomes e abreviações não são para todo mundo ler. É para saber que existe, que está ali, e quem quiser que

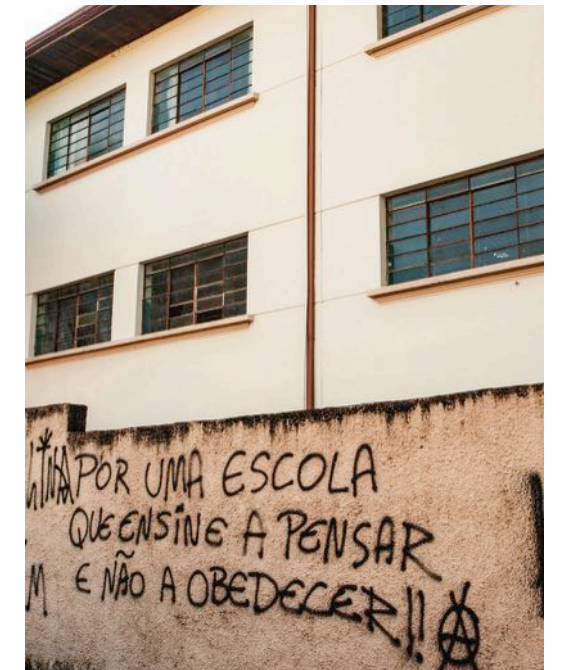
se incomode. Por sua vez, quando resolve falar abertamente, o faz em alto e bom som/tom, afinal de contas, de acordo com Marta Catunda, as paisagens também são sonoras. Saber ouvir é um exercício educativo e formativo.

Quando as pich(x)ações falam abertamente, carregam consigo o poderoso potencial educativo de fazer pensar, já que sempre age de modo surpreendente, chocante, visível e fluido, pois dificilmente estará presente para sempre. Quem leu, leu... Mesmo em tempos de facilidades de registros fotográficos.

Em suas radicais brutalidades políticas, éticas e estéticas, a pich(x)ação carrega consigo o potencial do choque, que para Deleuze, na esfera de Artaud, é tão necessário para criar pensamento. Sem esse impacto, não é possível pensar, mas somente remoer, regurgitar, contemplar. Sem ele, não é possível sequer partir de uma das principais premissas educativas, ou seja, a pergunta. Ah, Paulo Freire, tão difamado só por querer que os jovens questionem... Se voltarmos à desobediência de Gandhi e Thoreau, então...

Questionando, crio conceitos. Criando conceitos, posso pensar o mundo no qual me inseriram, com o qual me relaciono, com o qual vivo, com o qual me faço e ajudo a fazer, constantemente. Se há algo que as lições deleuzianas-guattarianas proporcionaram foi justamente a possibilidade de criar/entender/relacionar o mundo, filosoficamente, a partir da criação, no pensamento, de relações, de encontros, de sentidos, de conexões. Uma atividade prática, que não se interrompe. Freireanamente práxis.

É, talvez – já que nos resta ainda a especulação –, o que o pich(x)ador exige quando reivindica que a escola ensine a pensar, e não somente a obedecer. Que a escola seja a promotora desses acontecimentos, dessas parcerias, dessas criações. Que a escola pare de se submeter aos ditames insalubres do capital e dos tene-

brosos normalistas dos fascismos contemporâneos. Que ela se torne o espaço alegre de trocas das diferenças. Que a escola promova os diálogos entre elas, de modo que possam conviver, se tolerar e aprender ainda mais com o outro.

Caso a escola seja impedida de uma vez por todas de ensinar a pensar – e isso é uma luta que nunca cessará – é preciso lembrar que a própria vida é educação em si. É formação constante. E, nesse sentido, a própria pich(x)ação é processo formativo, tanto para quem faz quanto para quem vê. E quando é tão clara quanto é – ou já foi – nos muros da escola Estadão, o potencial transformativo é absurdamente revolucionário. É revolução cotidiana, nos relacionamentos, nas formas de ser, nos pequenos encontros. Microrrevoluções, micropolíticas.

Não, eu não era um pich(x)ador quando moleque. Achava feio, errado, sujo, invasivo, perigoso, rebelde demais. E sim, talvez as pich(x)ações sejam tudo isso, ao mesmo tempo que não são. Se buscamos escolas e educações que nos ensinem a pensar, precisamos que elas estejam abertas aos diálogos com o maior número possível de expressões e afirmativas culturais, artísticas, éticas e sociais. Que façam desses diálogos possíveis criações no/do pensamento. Isso nos fará perceber o quão importantes, belas, sonoras, potentes e ricas são as pich(x)ações.

Se submetermos os espaços e afazeres escolares aos regimes de imposição de verdades únicas, eles dificilmente poderão construir pessoas capazes de fazer política, mas somente seres obedientes a um "regime-polícia" de manutenção de normalizações e homogeneizações de modos de vida absurdamente cruéis e sádicos com as diferenças presentes em todos nós.

R. José Virgílio da Silva

MUROS E PAREDES SILENCIOSAS GANHAM VOZ

Julio Cesar Gonçalves
Professor universitário. Formado em Jornalismo, especializado em Marketing e mestre em Educação, é autor do livro "Olhar Crônico".

Orquestrada por mãos quase sempre anônimas, essa voz grita na cara da gente, por meio de traços, formas, letras e cores, coisas que precisam ser ditas, porque a maioria ignora. Ou finge ignorar, cada qual ensimesmado em seu mundo, passando batido por desenhos e frases

Av. Pres. Juscelino Kubitscheck

que chamam a atenção para um estado que teima em se fazer real em vidas que se virtualizam.

Não é de hoje que paredes e muros servem de suporte para imprimir sentimentos e desabafos.

Foi na parede de uma caverna que o ser humano deixou impressa pela primeira vez sua passagem por estas plagas. Nas paredes de prédios públicos, os muralistas mexicanos expressaram sua arte, sua revolta com as injustiças sociais e sua crença naquela revolução. Armados com spray, estudantes franceses manifestaram-se em 1968 em defesa de uma sociedade mais alternativa e menos desigual. Uns 20 anos depois, jovens brasileiros usaram essa mesma arma para pedir Diretas Já. Mais recentemente, a juventude voltou a empunhar o spray para gritar Golpe Não.

Mas as mensagens passam despercebidas, a vida segue seu rumo e o que ganha sentido é discutir se essa prática é forma de arte ou crime, maneira de garantir o direito à liberdade de expressão ou desrespeito ao patrimônio, se seus autores são artistas ou vândalos.

Nessa infindável discussão, certo é que a interpretação do que é uma coisa ou outra vai mudando ao sabor dos tempos e variando conforme as circunstâncias.

Sabe-se lá o que os antigos romanos pensavam sobre xingamentos, poesias e propaganda política grafitados em muros e paredes, como se encontrou no material arqueológico da erupção do Vesúvio. Mas, nos anos 70, quando portas, muros e metrôs de Nova Iorque apareceram com desenhos expressionistas, assinados com a sigla Samo (iniciais de same old shit, sempre a mesma merda), um dos seus autores, Jean-Michel Basquiat, tornou-se artista de respeito. Suas obras hoje valem uma fortuna em leilões de arte, o que faz da sigla quase uma profecia: é sempre a mesma merda mesmo.

SER

Porém, Basquiat era um grafiteiro, da mesma forma que Banksy, o britânico cujas intervenções urbanas ganharam notoriedade na primeira década deste século. E grafite é arte urbana contemporânea, que, segundo especialistas, ganhou expressividade nos anos 70 em Nova Iorque e hoje tem, entre os seus maiores intérpretes globais, os gêmeos Otavio e Gustavo Pandolfo, paulistas cujos trabalhos estão disseminados pelo mundo.

Ao contrário do grafite, pichação é crime, como está previsto no Código Ambiental Brasileiro. Não tem propriamente uma história e até na grafia incita desavenças, pois muitos a escrevem com X. Há até justificativas estéticas para essa discordância: grafites seriam trabalhos mais elaborados, a partir de ideias pré-concebidas e pensadas para expressar as sensações de um artista; já pichações são baseadas em letras e esboços. São, portanto, formas de expressão vistas como paralelas e não convergentes.

Ocorre, porém, que ambas parecem querer dizer a mesma coisa. A rústica tevê, pintada em uma parede, pedindo para ser menos vista, tem igual significado que o menino segurando pipa com a bandeira estadunidense, desenhada pelos Gêmeos. O negro excluído, projetado por Basquiat, expressa, lá no fundo, a mesma ideia que o traço perpetuado por Joy, chamando a atenção para as amarras de um sistema no qual poderosos e manipuladores meios de comunicação nos fazem (e são) marionetes em um mundo onde, sabe-se à exaustão, somente o um por cento da população mais abastada detém todos os poderes. Vivemos uma época em que o Estado perde cada vez mais espaço para as organizações que, de fato, têm o poder econômico e ditam regras.

Todas as regras, até mesmo o que é arte e o que não é. Contudo, independente de amarras, de fibras óticas, de conexões, de manipulações midiáticas, de ser grafite ou pichação, a pré-histórica forma de externar emoções escrevendo e desenhando em paredes e muros vai continuar existindo como forma de chamar a atenção para o que verdadeiramente interessa: nesse mundo cada vez mais exclusivo e desigual, a humanidade pode estar cavando seu próprio abismo. O ter está matando o ser.

E por isso que paredes e muros silenciosos precisam continuar a ter voz.

Vai que um dia a gente escuta!

R. Major João Elías

DIÁLOGOS OPOSTOS

Fabrício de Francisco Linardi
Arquiteto, Mestre e doutorando em Urbanismo pela Universidade Católica de Campinas. Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Sorocaba.

Foi-me dado, como um belíssimo desafio, o de escrever com liberdade sobre um assunto que tem sido de meu interesse por um bom tempo: a cidade. Porém, teria como ponto de partida uma peça gráfica de um fragmento da cidade de Sorocaba, capturada pelo olhar

atento do fotógrafo. Ao vê-la pela primeira vez, considerei-me presenteado, pois o presente e a pessoa presenteada se aproximam por afinidade. De infinitas possibilidades de clicks do fotógrafo, deram-me um olhar que mostra exatamente aquilo que me inspira quando me ponho a falar de cidade: suas contradições.

Assim, quase de pronto, me veio a estrutura sobre o que deveria escrever e, mais do que isso, me veio a certeza sobre qual ponto de vista esse texto deveria se desenvolver. Deixaram-me a tarefa mais difícil e instigadora, a de sujeito interpretante. Aquele que se preocupa com as leituras possíveis dos fatos e, sob o peso da subjetividade, procura aflorar uma questão mais profunda. O que é que só ele vê?

Como arquiteto e urbanista que sou, não posso fugir de minha formação que, por característica, examina a cidade como palco da vida dos homens para, a partir disso, repensá-la. O meu interesse está na apreensão do real e, para isso, é parte fundamental do meu trabalho ler a cidade em sua quase totalidade. E isso significa estar atento aos códigos verbais e não-verbais através dos quais se revelam muitas das contradições.

De olho na imagem, ela me causa inicialmente um choque! Um fragmento do real que exprime a essência das relações humanas travadas no território urbano. Partindo da interpretação dos códigos textuais, percebe-se uma

diversidade de manifestações. Dessas, o foco do fotógrafo ressalta duas, que se colocam como contradições:

Nossa Cidade Sempre Limpa – "Linguagem Oficial", fruto do cuidadoso traço do profissional publicitário que atende à demanda de um administrador público, estampada com cores que remetem à bandeira local, foi aplicada em um equipamento urbano que é símbolo de limpeza. A composição texto-figura procura passar a ideia de um bom trato do espaço urbano e de respeito a seus cidadãos. Seu conteúdo não diz muito além da mensagem de 'cidade limpa' como ideologia, isto é, da necessidade de afirmação de um trabalho bem feito. Se volta não para quem faz, mas para aquele que recebe o serviço público.

RE-CI-PRO-CIDADE – "Linguagem Marginal", fruto de uma transgressão. A manifestação reprimida, explosiva, daqueles que gravam paredes na expectativa de extravasar suas opiniões. Suas motivações são induzidas, única e exclusivamente, pela necessidade de se manifestar. Já o conteúdo dessa mensagem suscita uma interpretação interessante. Por que alguém se arriscaria a transgredir a mensagem oficial, 'Nossa Cidade Sempre Limpa', para passar a mensagem de RE-CI-PRO-CIDADE? Palavra aparentemente inocente e que revela pouca violência na voz reprimida. Conforme foi escrito, com sílabas separadas, soa como se o autor sentisse a necessidade de colocar algumas tantas exclamações em cada pausa: RE!!!CI!!!PRO!!!-CIDADE!!! Como se chamasse a atenção para o óbvio que ninguém mais vê. O significado literal de reciprocidade quer dizer: a relação in-

RECIPROCIDADE

dissociável entre duas partes, isto é, elementos que respondem sensivelmente a ações aplicadas sobre o outro.

A beleza da imagem está na tensão da contradição das duas mensagens, que se apresentam como códigos distintos e opostos. Até que ponto a limpeza da cidade será posta à prova pela contravenção de um pixo? Seria a própria linguagem oficial elemento de deslegitimação de outros códigos da cidade? Enfim, o que a

imagem nos mostra é que o olhar preocupado com a apreensão do real requer o entendimento da própria essência da cidade como múltipla, plurissígnica. A única certeza que sugere é que não pode haver cidade unívoca.

As múltiplas vozes abrigadas no domínio da cidade se confrontam em eterna disputa, na busca pela afirmação de suas legitimidades, de modo que a cidade se coloca como um elemento vivo, dinâmico, que se desfaz e faz-se a todo momento, procurando manter-se em lógica. É ordem e desordem estabelecida em si mesma, na busca pela manutenção de uma coerência interna própria e tão abstrata quanto a lógica que mantém uma chama acesa. Os dois códigos evidenciados na imagem escancaram, como fragmentos, a complexa relação ordem-desordem que está sempre presente nas cidades. A relação recíproca desses códigos é que a ordem impõe-se pela desordem, assim como a desordem impõe-se pela ordem.

Contudo, a beleza do ato manifesto não passa desapercebido. Embora se coloque como irregularidade, a manifestação rebelde do pixo, nesse caso, afirma-se como o lado sábio, como apaziguador. Simplesmente intenta mostrar que é preciso se deixar dizer e, ao dizê-lo, por força da reciprocidade, toca sensivelmente a parte que pretende calá-lo, nada mais. E, convenhamos, a escolha correta de uma única palavra, dentre outras tantas do extenso vocabulário português, a voz que diz RE-CI-PRO-CI-DADE, mostra compaixão com todos aqueles que merecem ser ouvidos.

Já sobre a beleza das cidades, essa é amplificada na medida em que são reconhecidos e respeitados seus códigos contraditórios e recíprocos, buscando harmonia na sua pluralidade.

Av. Carlos Sonetti

PICHAÇÃO E RELIGIOSIDADE

João J. C. Sampaio
Formação em Filosofia, Pedagogia e Teologia. Mestrado em Filosofia da Educação e Teologia. Professor Universitário.

Ouve-se com frequência que o bom do capitalismo é ser capitalista. Gozar de suas benesses, acumular até não poder mais, enfim, viver no paraíso, construindo uma ilha de fantasias e delícias, mesmo que ao redor se encontre um oceano de pobreza. Essa imagem pode ser evocada na atualidade pela presença de condomínios luxuosos bem fechados e vigiados

no meio das cidades ou junto delas. A cidade em si é o espaço da violência, terra de todos e de ninguém, onde perambula toda a sorte de gente, inclusive pobres desagradáveis que só sabem pedir ou assaltar! Inauguramos, por causa da insegurança e da injustiça social, uma nova versão dos castelos medievais. Os que habitam o paraíso condominial sentem-se diferenciados, até agradecem ao sagrado por serem tão abençoados, enquanto que no oceano das penúrias os pobres e miseráveis suspiram pela esperança de apropriação, pelo menos, de um pedaço desse paraíso dos ricos, também promovida pelo mesmo sagrado. O sagrado se tornou o espaço do utilitário para pobres e ricos, para justificar as riquezas ou para delas se apropriar. Supõe-se que seja possível um dia todos se tornarem ricos! Enquanto isso não acontece, aí estamos manifestando a nossa fé no sagrado, que é considerado o único capaz de promover transformações sociais tão necessárias e urgentes. Esse modo de vivenciar a crença não é novo. O historiador Riolando Azzi, em seu "Catolicismo Popular no Brasil: aspectos históricos" (Petrópolis, 1978), comenta a época do aparecimento da devoção às imagens do Bom Jesus Sofredor e do Sucesso, que fizeram e fazem até hoje. Afinal, em um país onde líderes políticos governam para si mesmos e para uma elite privilegiada, parece sobrar ao pobre o Bom Jesus. Nele se encontram as características da nossa gente também sofredora, com pés

e mãos atados, em todos os sentidos, das necessidades sociais. Nem mesmo a justiça tem força para mudar as situações de desconforto e ruína, de modo que se aguarda a futura justiça divina que, na crença fiel, não falhará.

Há, porém, outro segmento que expressa a sua esperança, em uma mistura de protesto e ironia, fundamentando a fé nos escritos sagrados que são proclamados verbalmente, enxertados nas redes sociais ou rabiscados pelos muros e paredes das cidades. Onde encontra espaço, aí se expõe o recado do pobre que se torna poderoso com a força que vem do sagrado. Ele também marca território. É um anônimo que escreve em nome de milhões de anônimos. Ele representa uma multidão de desvalidos em busca de espaço neste planeta que pouco favorece a maioria desprovida de bens materiais. A terra prometida continua a ser buscada, mas, para se chegar a ela, há um deserto imenso para ser atravessado... Pelo menos, em sonhos intermináveis, se contempla a terra... Daí as frases pichadas: "Mil cairão ao teu lado e dez mil à tua direita e tu não serás atingido". É um texto do Salmo 91, verso 7. Outra: "Jesus é o caminho", rabiscado em um viaduto. São as frases das fotos. Há muitas mais, como "Esta cidade é do Senhor Jesus", "Deus proverá!", e assim por diante. Incrível é que outros pichadores não ousam rabiscar as frases que estão pelos muros. Questão de respeito? Temor do sagrado? Incontáveis pichações encontramos por aí. Quem não as viu? O fato é que a pregação religiosa deixou de ser exclusividade dos templos e das pessoas consagradas; ela tomou as ruas, invadiu os presídios, abriu espaços na internet e, qual plantinha teimosa, enfiou raízes através das minúsculas frestas das expectativas sociais. É a manifestação da esperança, e toda esperança ignora o medo, a vergonha, as instituições e suas normas. Tal dinamismo religioso, um tanto anárquico, se apropria do sagrado e proclama que as estruturas injustas estão com seus dias contados. É uma forma de libertação. É o grito do oprimido excluído que aposta encontrar eco no sagrado que tudo pode.

Em tempos passados, deparamos com os profetas bíblicos que procuravam restabelecer a justiça em nome do sagrado e hoje, de certo modo, estamos diante da mesma metodologia. No sagrado, se encontra uma força descomunal e, com o uso dele, verificamos ações direcionadas para o bem ou para o mal. As frases que encontramos animam na superação da dor, do desemprego, do desengano, da doença, até dos mau-olhados. No meio de toda a sorte de miséria, se instala o sonho da superação. Quem vai impedir de se sonhar assim? O meu professor Dr. Rubem Alves, em seu livro "O que é Religião" (edições Loyola), bem escreveu que o ser humano que entra em contato com o sagrado se torna muito forte, com capacidade de suportar os sofrimentos da vida ou de superá-los. Afirma ainda que o sagrado é um círculo de poder e quem dele se apropria nada teme, sequer tem medo de colocar pelos muros da cidade as frases sagradas que o animam na caminhada.

Praça Frei Baraúna

MONUMENTO: ESQUECIMENTO E MEMÓRIA

Michelli Cristine Scapol Monteiro

Bacharel em História pela FFLCH-USP. Mestre e doutoranda em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo pela FAU-USP. Realizou pesquisa na Itália, pela Università degli Studi Roma Tre. Desenvolve pesquisa sobre pintura histórica e escultura no Brasil, com ênfase em história das representações e imaginário urbano.

Na praça Frei Baraúna, conhecida pelo edifício que abrigou o primeiro fórum da cidade de Sorocaba, um obelisco foi marcado com pichação. Para muitos dos passantes, o monumento integra-se naturalmente à paisagem urbana e é pouco perceptível, quase inobservável. Quando se questiona ao transeunte o significado daquele marco, poucos sabem responder. Porém, a quase todos, a pichação é incômoda. A arte urbana marginal ganha, assim, mais atenção que o próprio monumento, que está esvaziado de significado, já que o cidadão não sabe o que ele representa.

A palavra Monumento, originada do latim monumentum, significa "lembrar". Ao se construir um monumento público, pretendia-se evocar o passado, celebrando um evento ou homenageando pessoas. As construções desses símbolos eram dotadas de valor rememorativo intencional, ou seja, os seus promotores pretendiam inserir no espaço urbano uma memória que deveria ser lembrada pela coletividade e, assim, perpetuada como história. Mais que adornar, o monumento tinha um ideal de preservação de memória, mantida por meio de um vínculo emocional com a comunidade.

A construção de obeliscos é uma prática que remonta ao Egito Antigo. Ele era feito de uma única pedra (monolítico) de quatro lados, contendo uma pirâmide no topo e estava relacionado ao culto ao deus Sol. Muitos obeliscos foram transportados para Roma durante a conquista do Egito e passaram a simbolizar a potência do Império. Posteriormente, sobretudo durante o papado de Sisto V (1585-90), eles foram associados ao catolicismo e tornaram-se representações do triunfo da Igreja Católica sobre as civilizações pagãs. Muitos deles, até hoje presentes em Roma, passaram a conter símbolos católicos como a cruz. O obelisco tornou-se um símbolo muito utilizado para realização de homenagens públicas. Presente em inúmeras

cidades, adquiriu novos significados e passou a ser o lugar do herói. Alguns homens, por seus exemplos e suas qualidades, foram eternizados por meio de obeliscos que os aproximam dos céus e os colocam acima do homem comum.

O obelisco da praça Frei Baraúna foi erigido em homenagem aos 109 "pracinhas" de Sorocaba. O termo "pracinha" faz referência aos soldados que integraram as Forças Expedicionárias Brasileiras (FEB) durante a Segunda Guerra Mundial e foram lutar ao lado dos Aliados em campos italianos. Quando a guerra acabou, em 1945, os expedicionários retornaram a Sorocaba e foram recebidos em uma grande festa que aconteceu na praça Frei Baraúna, que foi adornada com arco de triunfo e altar. Ali foram realizados o hasteamento da bandeira nacional e uma missa campal, além de ter sido plantada uma árvore de pau-Brasil.

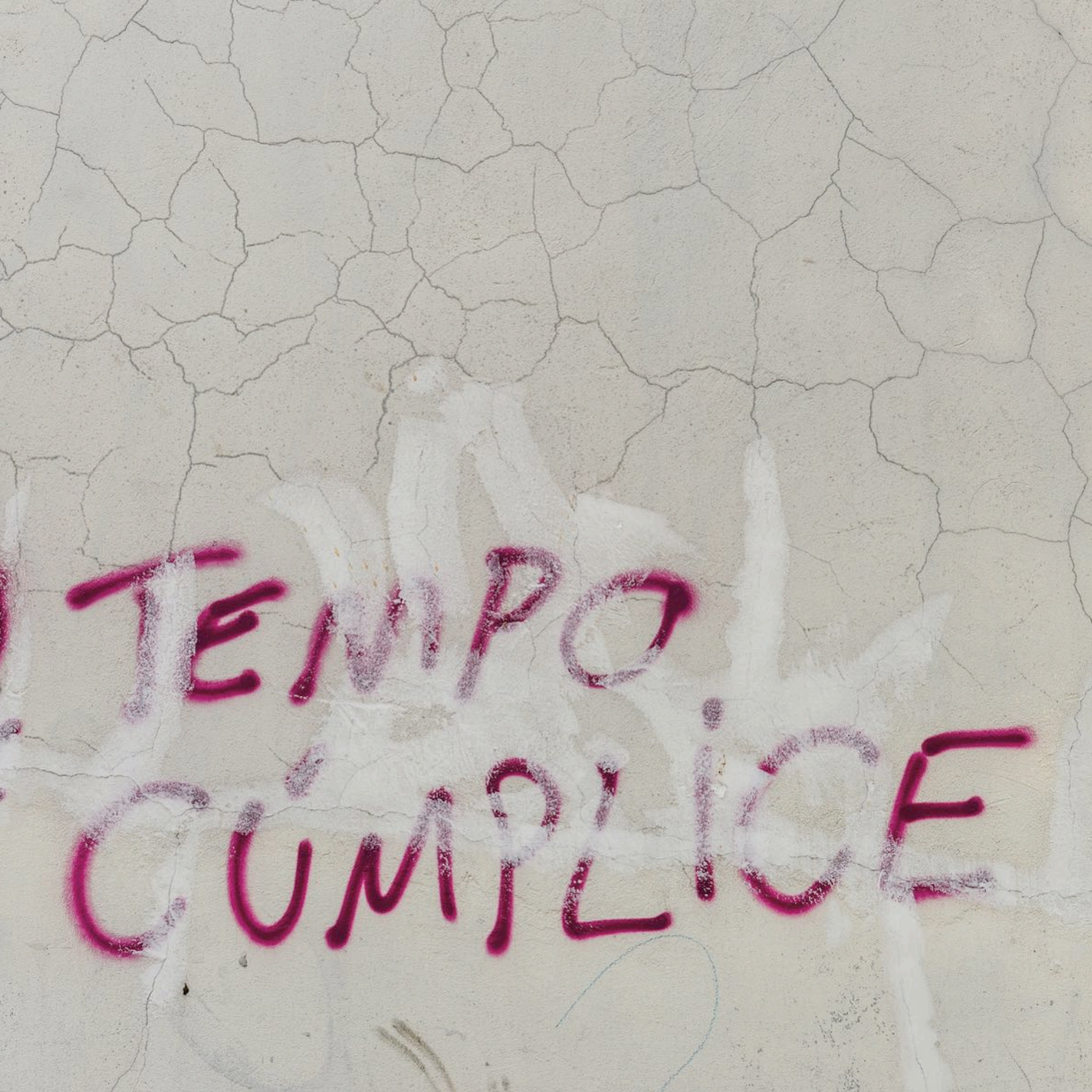
LEMBRANÇA

Álvaro Nuno Pereira, que teve papel de destaque na recepção dos expedicionários, tomou a iniciativa de construir um monumento para homenagear os soldados. Teve apoio da Sociedade Amigos de Sorocaba, da qual era presidente, e do governo do município. Apesar da inauguração estar planejada para 1947, o obelisco foi entregue à cidade, representada pelo prefeito Gualberto Moreira, em sete de setembro de 1948, durante a comemoração da independência do Brasil. A solenidade foi marcada por um grande desfile e pela presença dos aviões do Aeroclube de Sorocaba. O obelisco possui 25 metros de altura e nele estão inscritos os nomes de todos os soldados. Dois deles, Martins Oliveira e Cesário Aguiar, estão assinalados com uma cruz, pois morreram durante o combate.

Os monumentos públicos e os sentidos de que eles se revestem muitas vezes são objeto de críticas por determinados grupos sociais, que veem ali representados significados que não são compartilhados por eles. A fim de transmitirem seu descontentamento diante da memória ali imposta, realizam intervenções nessas obras, como aconteceu no Monumento às Bandeiras, em São Paulo, em 2013. Manifestantes da causa indígena jogaram tinta vermelha na obra e escreveram "Bandeirantes assassinos", a fim de protestar contra a mudança nas leis de demarcação de terra indígena. O alvo da manifestação foi simbólico, tendo em vista a memória representada naquela obra.

No obelisco de Sorocaba, também há uma intervenção em forma de pichação. Porém, ela não é revestida de um caráter de combate como o que o monumento representa. A mensagem colocada ali não se contrapõe aos sentidos da obra, apenas utiliza-se de seu espaço vazio para inserir a inscrição. Espaço que é vazio em duplo sentido, seja pela área disponível para a pichação, seja pela falta de significado da obra para a sociedade.

O obelisco, que deveria acionar uma memória viva, por meio de uma percepção afetiva, já não cumpre essa função, pois o vínculo que ele mantinha com a sociedade foi rompido. Esvaziado de sentido, tornou-se invisível ao olhar dos que por ele passam. A pichação, em contrapartida, é incômoda e notória e, paradoxalmente, realça o obelisco. Inquietados por ela, as pessoas olham para o monumento e perturbam-se com a intervenção ali colocada. Visto, no entanto, como outro espaço qualquer da cidade, o cidadão não se questiona sobre a memória ali edificada.

Rua Visconde. de Taunai

O TEMPO E O DESIGN DAS COISAS

Breno Pensa Barelli

Professor nos cursos de Design e Arquitetura na Universidade de Sorocaba desde 2009. Possui graduação em Desenho Industrial pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2005) e mestrado em Design pela mesma instituição (2009). Tem experiência na área de Design Industrial, com ênfase em Pesquisa e desenvolvimento de produtos e sustentabilidade.

Estamos sem tempo! "Estou correndo para fazer isso ou aquilo", é o que dizemos rotineiramente envolvidos na multitarefa, na velocidade e na multipresença. A busca pela aceleração do mundo foi alcançada na modernidade com o avanço tecnológico em todas as áreas e, talvez, a mais significativa, com a aceleração da comunicação.

Vale ressaltar que nos relacionamos com o mundo através dos bens imateriais, nossa cultura, língua, hábitos; e dos bens materiais, casa, objetos, etc. Ambos influenciam-se diretamente. Um determinado costume pode ditar qual a roupa adequada a ser concebida, feita e usada em um velório, da mesma forma que um aplicativo de um smartphone define novos padrões de comportamento, por exemplo. O design encontra-se neste cerne, na materialização das coisas.

O que conhecemos sobre o design enquanto ciência ainda é muito recente, remonta no mais tardar à primeira fase da industrialização, no entanto, mais intensamente, a partir do início do século XX. Nestes cem anos que se passaram, o termo design se popularizou, mas o seu significado tornou-se raso. Gui Bonsiepe mostra que temos uma relação superficial com o design na sociedade, na indústria e, inclusive, entre os próprios profissionais e as escolas da área. Toda nossa cultura do design está voltada às relações de mercado, em que há um forte estímulo ao consumo de produtos fabricados em massa. Em consequência, cresce a exploração, a extração das matérias-primas, a fabricação com mão de obra barata, agressivas estratégias de venda e descarte rápido. Nunca se consumiu tanto e se descartou tanto na história da humanidade.

Uma simples interpretação sobre esse aumento do consumo pode fazê-lo parecer um

fato saudável, uma evolução da sociedade. No entanto, vivenciamos disparidades movidas pela ganância, coexiste um mundo extremamente pobre em paralelo com uma pequena parcela rica, onde a predação dos bens naturais e o desrespeito a todas as formas de vida se tornam comuns, aceitáveis. Os desastres ambientais provocados pelos humanos, as tantas perdas que enfraqueceram a evolução de uma cultura autóctone e sustentável estão evidenciados e cada vez mais percebidos como um problema que deve ser superado.

A atual consciência dos limites e da situação do planeta, somada à aceleração rotineira trazida pelas últimas décadas, se traduz em uma dificuldade de enxergar o futuro. Wilson Kindlein Jr., professor de design na UFRGS, aborda esta perda da noção do futuro e sobre a efemeridade das coisas, inclusive das relações humanas. Não é incomum, hoje, ter mil amigos em uma rede social e, mesmo assim, ter dificuldades de relacionamento. Não é incomum trabalhar doze e até dezesseis horas por dia, além daquelas oito horas convencionais, atrelado à internet onde quer que ela funcione. Conseguimos ler uma notícia internacional, encaminhar uma demanda do trabalho estando em casa e ainda reagir a uma foto de um amigo praticamente simultaneamente. Nesta aceleração, ficamos sem tempo e, sem este, não existe espera. Ficamos impacientes no sinal vermelho, na fila de um caixa, na resposta que não chega ao celular. Vivemos sem tempo e no imediatismo.

No imediatismo inexiste o amor, a amizade, o cuidado, pois estes sentimentos carecem de tempo para se desenvolverem. “Capricho necessita de tempo, prevenção necessita de tempo, afeto necessita de tempo, ternura necessita de tempo, afeição necessita de tempo, compaixão necessita de tempo”, como disse o professor Wilson. “É então mandatário resgatar os remansos, os redutos, as calmarias, os espaços públicos, os pertencimentos. O tempo permite a reflexão, o pensamento, a desmaterialização, o acúmulo de energia, o olhar, o sonho, a paciência e a perseverança. Esses valores são fundamentais para que a sociedade não fique ainda mais doente. Doença que é gerada pela ansiedade, e ansiedade que gera a depressão e o abandono (descarte)”, conclui o professor.

O descarte é gerado tão somente porque consumimos e os motivos para a aceleração do consumo, ou o chamado hiperconsumo, por Gilles Lipovetsky, são apresentados em seu livro “A Felicidade Paradoxal”, que ainda sob a ótica de Kindlein, estão ancorados na obsolescência programada, na propaganda e no crédito. A obsolescência programada, já incorporada e comumente aceita em nossa cultura material, objetiva a diminuição do tempo de vida dos bens de consumo. A propaganda, além da sua imensa quantidade, intenta transmitir a afetividade, o amor, o bem-estar por meio do consumo. Frases como “Abra a felicidade”, “Amo muito tudo isso”, “Vem ser feliz” são direcionadas para atingir nossa fragilidade afetiva, fruto da falta de tempo com nossos amigos, nossos amores. Além disso, pode-se incluir a facilidade ao crédito como o terceiro pilar que sustenta este hiperconsumo e o seu consequente descarte.

A Terra e seus habitantes precisam de cuidados. As diversas possibilidades para consumir distraem e nos impede de dar o devido apreço a cada coisa e a cada momento. É necessário voltar a sentir que precisamos uns dos outros, que temos uma responsabilidade

CONSUMO

para com os outros e o mundo. Urge o tempo da permanência, da sustentação. Urge o tempo da sustentabilidade. Urge um design focado nas reais necessidades humanas e com o olhar para o futuro.

Estrada do Ipatinga

TEMPO A PERDER

Benedito Aparecido Cirino
Doutor em Filosofia da Educação pela Universidade de Sorocaba; mestre em Ética e graduado em Filosofia pela Puccamp; atuação em docência nos cursos de graduação da Universidade de Sorocaba.

Um terço de meu tempo diário me é surrupiado, sem que eu saiba quem me rouba. Ou talvez saiba, quando identifico as estruturas do sistema de vida na sociedade atual. Ao longo do tempo de existência, ou no curto período da vida, uma fração me é tomada, o que reduz minha totalidade, o que altera o usufruto de minha plenitude.

Mas isso seria válido se eu fosse proprietário do tempo. Não sou. O tempo me possui. Não posso impedi-lo de ser ou de não ser comigo. De me guiar ou desviar, se é que há uma via a seguir. Aliás, não posso nem entendê-lo, como inteligentemente gostaria. Falamos de dois tempos. Tempo de ser e tempo de fazer. Porém, a ação é subordinada ao tempo de ser. Este é plenitude, o outro é fragmento. Como o fragmento é quantidade, o pleno é qualidade.

Assim, temos uma dialética dos tempos: um é o da existência, outro é o da inteligência, como nos ensina Henri Bergson (1859-1941). A inteligência é árbitra do tempo de ser. Ela organiza a existência dos seres. Seu instrumento, a razão. O que possibilita a expressão da ideia de tempo, mas não expressa o tempo mesmo. Pois este é sensível, porém, não comunicável. Percebido e não publicado.

Quando pensamos ter tempo, pensamos ter outras coisas. Na verdade, nos acreditamos proprietários. Mas o que é propriedade? É somente uma ideia. Não é uma ideia composta, não há nenhum objeto material correspondente a tal ideia. Justamente por isso, ela toma a forma absoluta, se justifica como verdade. Válida, pelo vazio de materialidade, torna-se base das ações da humanidade. Orienta as relações entre seres humanos. Assim, o tempo é tomado como produto que pode ser possuído, emprestado, comercializado, perdido ou doado.

Sendo assim, quando um artesão, como compreendeu Karl Marx (1818 – 1883), gastava oito horas a produzir um par de sapatos, este produto era a materialização do tempo quantificável e do tempo vivido pelo realizador do objeto novo no mundo humano. Isso, dentre outras possibilidades, nos permitiria a percepção da variabilidade qualitativa dos produtos, pois cada artesão sentia diversamente seu próprio tempo. Ao cabo do processo, surge a expressão de pelo menos alguns aspectos da identidade do produtor, aqueles da conexão com o tempo mesmo. Características da subjetividade inseridas na objetividade material do produto. Os sapatos como cristalização do "vir a ser" do sapateiro.

EXISTÊNCIA

Ao se fragmentar o processo de produção, na manufatura e, depois, na produção industrial, radicalmente separam-se os tempos. O comprador de tempo, o dono dos instrumentos de produção, interessa-se somente pelo tempo quantificável, pois por este meio possui-se mais ou menos produtos. Como o proprietário dos instrumentos, compra o tempo de vários produtores simultaneamente, ele consegue maximizar a quantidade de produto realizável em certo tempo dos, agora, operários, não mais produtores. O tempo para produção de um par de sapatos pode ser o mesmo para a realização de dez pares.

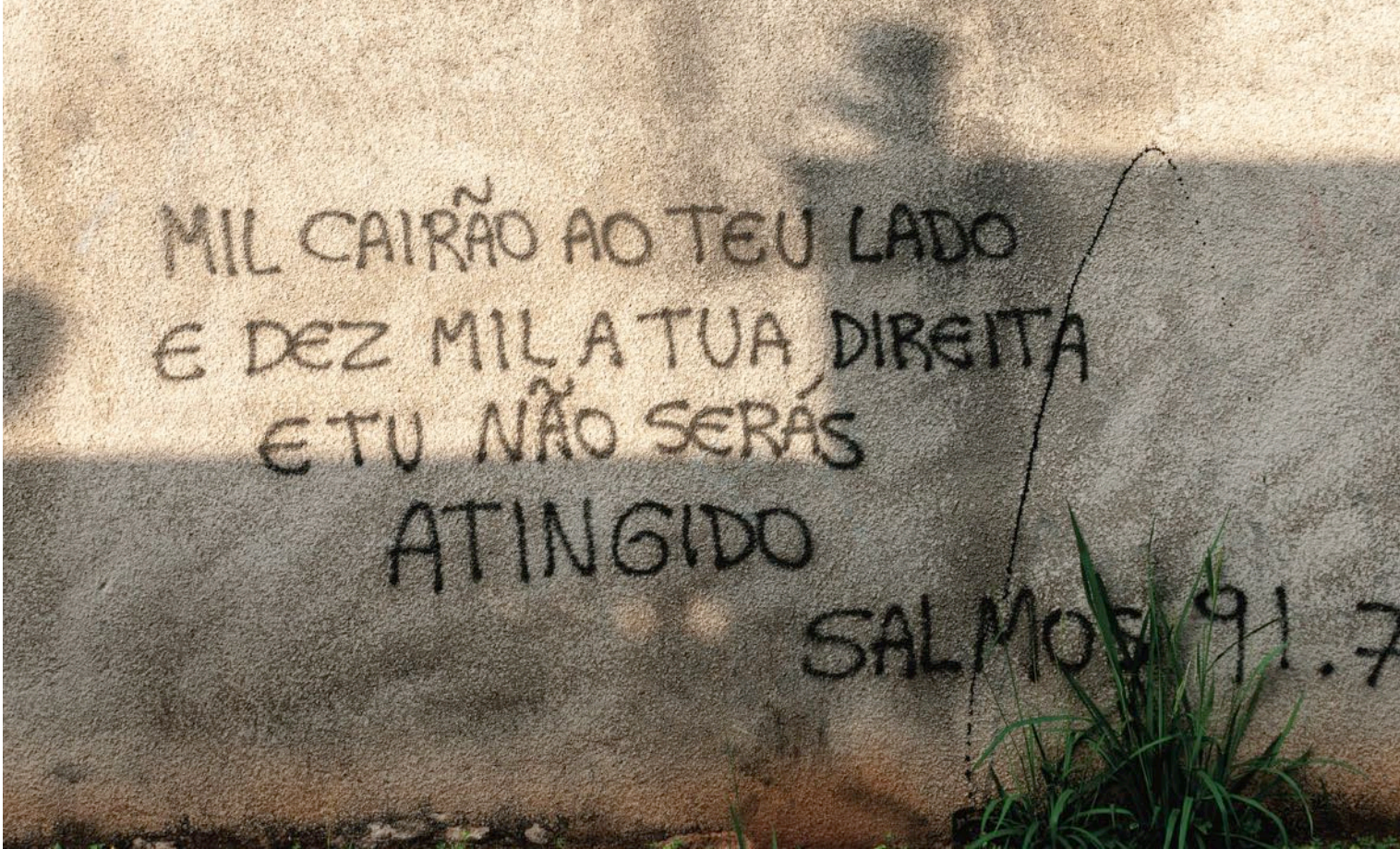
O tempo comprável se traduz em "força de produção". O que for produzido nesse tempo pertence ao comprador. O operário é pago com o próprio produto por ele realizado. Tudo que é realizado a mais, no intervalo comprado, pertence ao comprador: "a mais valia". Grande negócio para o comerciante, péssimo para o produtor que continua a receber, agora na forma salário, o mesmo que recebia quando produzia na forma artesanal. O operário não perde somente ao produzir mais do que o necessário, perde algo mais valioso, do ponto de vista do projeto de humanidade, pois desaparece a conexão entre tempo de produção e tempo de existência subjetiva; a temporalidade plena.

A inteligência nos estimula a pensar que a humanidade esteja pronta. Porém, ela se faz no tempo. No particular, fragmentário, e no universal, total. Ou, simplesmente, no tempo mesmo. E, no seu constante fazer-se, ela se encontra no "tempo dos serviços", mas não muda sua relação com o tempo real, cuja parte interessante é somente aquela geradora de lucro ou prejuízo, tempo inteligente, matemático e econômico; tempo financeiro. Pois tempo produtivo exige muito investimento e baixa "mais valia", pouco lucro.

Nessa forma atual, há os que só têm tempo; os compradores de tempos a serem tornados serviços e os compradores de serviços. Os mediadores da relação são os que adquirem tempos. Um de seus poderes basilares é o de desaparecer nas abstratas corporações. O sonho delas é o de se libertar completamente da necessidade de se comprar tempo. Como percebemos isso? Ao ir a um caixa eletrônico e realizar o próprio serviço pelo qual pagamos a um banco.

Os prestadores de serviço vivem cotidianamente a dialética entre felicidade e seu contrário. Realizar a atividade pela qual são remunerados, quando vendem parte de seu tempo, é desconfortável, pois no fundo vendem partes de si mesmos. Tendem a pensar

como aqueles que os compram, no caso, as corporações, que vendem os serviços esperando não terem que entregá-los. Vejam os planos de previdência, de saúde, seguros e outros.

A infelicidade começa nas segundas e cessa nas sextas-feiras. Nesse intervalo, são poucos os momentos menos infelizes. Estes instantes ocorrem e podem ser percebidos na alegria do atendente de caixa dos supermercados quando cai o sistema digital de cobrança, ou quando um professor vai dar aula e seus alunos não apareceram. Espíritos se alegram nesses momentos ou nas férias, nem sentem o tempo passar.

R. Henrique Dias

Um Deus do lado de quem?

André Luiz Sueiro
Possui graduação em Filosofia e Teologia, e é estudante do curso de Psicologia. Tem mestrado em Filosofia, atuando principalmente nas áreas de Estética e História da Filosofia Contemporânea. Nas horas vagas, é violonista e compositor. Nas ocupadas, é professor de Filosofia na Uniso, onde coordena o curso de Filosofia.

A violência é um fenômeno cotidiano, e ocupa tanto o noticiário quanto as conversas de vizinhança, sendo facilmente apontada como um dos maiores problemas sociais em nosso país. Em geral, em realidades de pobreza, isso é ainda mais ressaltado: a compreensão de que

a “periferia” é um lugar violento, e que há um anseio por paz e tranquilidade nas muitas comunidades, sobretudo nos grandes centros. No entendimento comum, isso explicaria a presença maciça das religiões nesses contextos sociais, como forma de oferecer bem-estar, consolação, disciplina, etc. Nesse quadro, a frase poderia ser expressão da resistência das pessoas de bem, que em meio à violência apelam ao divino, e que nas lutas de suas vidas sentem-se motivadas: é muito comum ver, nas residências de pessoas religiosas, um exemplar da Bíblia aberto nesse Salmo, como forma de motivação diante das dificuldades da vida; se vê também a quantidade de mensagens elaboradas com essa frase e disponíveis na internet, para serem difundidas nas redes sociais.

Mas há uma questão interessante a ser levantada: em geral, não há um incentivo por parte das igrejas para que frases bíblicas sejam pichadas em muros, já que na visão dos líderes religiosos e dos participantes desses cultos, pichação é algo pecaminoso, não devendo fazer parte do comportamento de alguém que se diga temente a Deus. Um paradoxo se apresenta então: ainda que muitos moradores religiosos do lugar se reconheçam na frase do muro, inclusive como expressão de luta contra a violência, nada impede que os que colocaram a frase no muro sejam justamente aqueles que esses moradores consideram violentos, e que deveriam estar na situação descrita na frase (é difundida a expressão “bandido bom é bandido morto”). A imagem e a frase desafiam, portanto, a compreensão, trazendo a pergunta: quem poderia ser o sujeito dessa frase?

No campo da exegese bíblica, comumente se estuda um texto a partir da compreensão de seu contexto vital (sitz im Leben), o que configura uma metodologia histórico-crítica de interpretação. Isso traria informações interessantes, já que esse salmo expressa as características de um período de estabelecimento da monarquia em Israel, numa leitura do processo social em que há a passagem de um modo de produção pastoril, e consequente organização tribal, para um modo de produção agrícola, o que torna a existência fixada nas cidades, com um poder organizado em torno da corte e o rei como modelo ideal da vivência religiosa (Davi como alguém justo e capaz de tornar Israel um povo forte e conquistador). Dentre as muitas imagens de Deus presentes nas Escrituras, cada qual moldada pelos elementos sociais e culturais de cada época da história do povo hebreu, essa frase revelaria a face de um Deus que prepara para a guerra, tornando o rei alguém que cumprirá sua missão de vencer e dominar os outros povos: daí a noção de que mil cairão ao teu lado, e dez mil à tua direita. Mesmo com as perdas da guerra, Israel sairá vencedor, já que guiado e protegido pelas forças divinas.

Quem terá, portanto, colocado o versículo no muro? Será que se acha em meio a uma guerra? De que tipo? A imagem suscitada é uma imagem forte, já que supõe um perigo iminente: estará afligido pelo medo, no meio do conflito? Desejoso de vingança? A pergunta se desloca: conflito contra quem? Contra criminosos? Contra a polícia? Contra facções rivais? Contra a sociedade organizada, com suas estruturas injustas? Contra as elites? Afinal, o que significa uma frase tão forte e tão contraditória?

POLISSEMIA

A necessidade de amparo, em sentido psicológico, pode ser uma via de explicação: independentemente da compreensão legal das ações dos indivíduos, no que tange à ilicitude e ao crime, e da interpretação moral da sociedade em termos de certo e errado (inclusive a classificação religiosa entre justos e pecadores), a maioria dos indivíduos considerados delinquentes tem uma compreensão religiosa da vida e pedem a proteção divina para o êxito de suas tarefas. Isso é visível, por exemplo, em tatuagens, discursos, pagamentos de promessas, no temor com relação a autoridades religiosas, o que mostra uma visão encantada da realidade, marcada por traços de uma religiosidade ingênua, quase infantil.

Tudo isso faz pensar na polissemia dos símbolos e elementos religiosos, que embora possam ter sentidos ditos “oficiais” pelas autoridades e instituições religiosas, são interpretados em infinitas direções por seus receptores: esse processo de troca simbólica, para usar a expressão de Bourdieu, revela o permanente conflito entre perspectivas ideológicas e os diferentes agentes na sociedade, já que o mesmo Deus invocado por pessoas que se consideram pacíficas pode ser invocado por aqueles que são considerados “meliantes de alta periculosidade”. Se um trecho da Escritura só tem sentido dentro de seu contexto, podendo ser aplicado em contextos diferentes, há que se considerar as disputas e as apropriações dos diferentes grupos sociais em disputa, sem julgamentos de caráter pejorativo: talvez esse seja o rosto divino que é extremamente democrático e plural, podendo ser invocado por todos, sem distinção ou acepção de pessoas.

Rua José Antônio Ferreira Prestes

O FEMININO E A PAISAGEM URBANA

Marcélia Picanço Valente
Professora e pesquisadora, Mestre em Educação pela Universidade de Sorocaba- Sorocaba-SP, Especialista em Animação Sócio Cultural pela Fundação e Escola de Sociologia e Política -SP, graduada em Ciências Sociais- Universidade da Amazônia-PA.

A paisagem urbana mostra-se alterada com as mensagens que estampam em seus muros. São recados que nos levam a refletir a respeito do cotidiano existente: injustiça, esperança, ativismo, inconformismo, consumo exacerbado, lutas invisíveis, miséria material, moral e espiritual, condição social injusta e muitos outros temas. As frases e imagens provocam uma conversa com quem está passando e transformam-se em processos de ressignificação dos acontecimentos, que não podem ser ignorados.

A imagem aqui apresentada é instigante, chama a atenção para uma questão mais ampla, que é o valor. No entanto, oferece um roteiro de palavras e frases espalhadas pelo desenho, que ajuda a fazer as conexões e caminhos: "quando", "quanto", "em que você acredita?".

Os traços geométricos inacabados e aparentes sugerem a construção de um lugar social para as mulheres, que necessitam reconhecer-se como um corpo político. Esse esclarecimento, sobre o que querem as mulheres e no que elas acreditam, começa a fazer sentido quando o campo explorado tem uma nova dimensão, um novo horizonte, que só é possível a partir da conquista de novos direitos e da ocupação de novos papéis; um processo de modernização da sociedade brasileira, após a abertura política, por exemplo, permite a existência de uma imprensa feminista, discutindo questões das mulheres.

A condição das mulheres é um debate premente, uma discussão necessária. No desenho – uma mulher que olha à espreita de seu passado, seu presente e futuro –, nos leva a pensar: até quando mulheres terão suas histórias silenciadas? Quanto tempo ainda conviveremos com essa realidade construída socialmente e que exige que haja autoridade e subordinação, superioridade e inferioridade, poder e submissão? Até quando o tipo ideal de mulher será

determinado pela sociedade patriarcal e, contemporaneamente, pelos meios de comunicação de massa? O valor de uma mulher está para além de só suprir o afeto, procriar, criar as crias e promover a harmonia no ambiente familiar.

O trânsito para o espaço público já se fez há tempos. Foram elas que estiveram presentes nas mais importantes transformações sociais, inclusive como protagonistas. No século XVIII, na França, marcharam de Versalhes à Paris para depor uma Monarquia e exigir direitos sociais, foram o estopim da Revolução Francesa. Sem falar das guerreiras Amazonas, citadas nos registros oficiais e mitológicos dos gregos, oito séculos antes de Cristo. Fala-se também nas guerreiras militares dos séculos XIV e XV, que em tempos de guerra frequente, iam para o front de batalha.

Nos tempos atuais, a jovem Shamsia, tornou-se a primeira grafiteira afegã a levar seus grafites para as paisagens de guerra, no intuito de comunicar-se com as mulheres. Vale destacar que estamos falando de um país em que apenas 14% das mulheres têm acesso à leitura e escrita. Um ato encorajador, marcante e especial que abre caminhos e desperta para novas possibilidades, destacando a importância da inserção ou interferência das mulheres na sociedade.

PROTAGONISTA

São poucas as mulheres que penetram o universo do grafite. Considerável parte delas retratam temas referentes ao feminino e se autointitulam livres, como é o caso da artista brasileira Mag Magrela, que tem seus desenhos espalhados pelo mundo. Seu trabalho concentra-se em retratos de mulheres comuns, mas prima por uma identificação do feminino, tanto em causa, impressões, aflições e amadurecimento.

Mais muros, por favor! Para contar um pouco da história das mulheres ou dos seus "silêncios", como diz a pesquisadora francesa Michelle Perrot. Mais escritos urbanos que comecem uma conversa, que despertem e provoquem interesse pelo conhecimento, pesquisa, origens, feitos, mitos, ritos e costumes. Que o passeio por esse universo tenha como proposição livrar-se dos rótulos impostos culturalmente e que nos encaminhe para uma nova percepção social do gênero feminino.

É mais elucidativo e representativo quando o foco está no valor da mulher. Dessa forma, as referências de protagonismos se diversificam e se ampliam. É possível reconhecimento, identificação e facilita também explicar em que se acredita. Por isso, a questão da visibilidade e do protagonismo feminino é fundamental para a criação de novos paradigmas, para que as mulheres possam identificar-se, mas de maneira plural, de forma livre. Vejamos a história da musicista brasileira Chiquinha Gonzaga, e de sua importância social. Em um tempo em que as mulheres sequer ousavam sair de casa, Chiquinha compôs marchinhas de Carnaval, regeu orquestras, lutou pelo divórcio e frequentou os espaços boêmios da cidade.

Se todos esses fatos tivessem sido amplamente divulgados na época em que viveu (1847-1935), e Chiquinha tivesse sido retratada nos muros da cidade, de certo teríamos outros nomes e também o encorajamento para que outras mulheres ocupassem aquele espaço público. É aquela velha história de não se sentir sozinha no mundo e encontrar seus pares.

Essas telas que saem dos muros proporcionam interpretações diversas e uma leitura peculiar, permitindo, inclusive, ver mulheres, que antes eram modelos de recato, com outra identidade. É o caso da Mona do Funk, uma personagem criada pelo professor de artes Tiago Ângelo Ramos da Silva, que imprimiu a Monalisa, de Da Vinci, de vestido curto, sensualizando até o chão nos muros de sua cidade, Poá (SP). Essa imagem viralizou nas redes sociais gerando um reconhecimento da pintura original e uma aproximação da Monalisa com a conjuntura atual.

O desenho sugere uma mudança ainda não cristalizada, mas que acena para a conquista de direitos e ampliação da presença feminina nos sistemas das cidades, provocando as questões para conversa: quanto tempo levaremos para apagar as heranças históricas do sistema social patriarcal? quando teremos representatividade no projeto político do país, já que somos 51,6%? Até quando os crimes de feminicídio não serão julgados com rigor? O ruído transformou-se em um barulhão, com direito a placas de "estamos em obra", construindo nossas referências femininas de poder, políticas públicas que considerem a desigualdade de gênero no mundo e pintando os muros para que a história reconheça o valor das mulheres nas estruturas sociais e políticas.

Rua João de Almeida Melces

HISTÓRIA DE UMA VIDA: DESIGUALDADE SOCIAL

Ana Maria Souza Mendes
Professora da rede pública estadual, formada em Pedagogia, sócia efetiva da Academia Sorocabana de Letras, sendo sua atual presidente; coordena o Núcleo de Cultura Afro-brasileira (Nucab) da Universidade de Sorocaba, além de outras atividades comunitárias.

Jovem, mal saído da adolescência, então, com tamanhos desproporcionais nos sonhos, na rebeldia e até no próprio corpo. Como um sem número de outros jovens, criado com seus irmãos no núcleo familiar mais fácil de se encontrar atualmente: o casal de avós e a mãe. Ela com menos de quarenta e ele, apesar do desgaste do corpo, mal chegado aos sessenta. Para prover a família, ao todo seis, o avô e a mãe trabalhavam.

Embora o bairro onde moram seja residencial, é bem distante do centro da cidade, o que obriga a todos ao deslocamento por meio do transporte público para irem à escola, ao trabalho, e, eventualmente, para tratar da saúde e para compras, isso quando conseguem escapar do providencial 'fiado' do armazém ali da esquina, em se tratando de comida e mais alguns produtos essenciais. Nada a acrescentar à continuidade do mês sobre o salário: este sempre acaba primeiro.

Os sonhos do nosso jovem são comuns a todos os recém-saídos da meninice: ter uma vida tranquila, viver a velhice sem a angústia todo o tempo estampada na face do avô, já sem força suficiente para produzir de forma a atender às necessidades da mulher, da filha e dos netos. Que dizer então das angústias que povoam o cotidiano da mãe, que por vezes enfrenta jornadas de doze horas em enfermarias, somadas a outra jornada de horário integral, a de mãe?

Sonha com uma vitória, muito maior que a do time do coração ao vencer o campeonato, que ainda não sabe nominar, mas sabe que, para conquistá-la, terá que driblar muitos obstáculos.

Frequenta uma escola da rede pública, onde o conteúdo de informações, na maior parte das vezes, não lhe diz nada, não faz parte do seu cenário de vida, distando anos-luz da sua realidade. Onde ficam os castelos, os teatros ou a biblioteca, não aquela salinha acanhada com

duas estantes velhas e mal arrumadas lá no fim do corredor da escola, onde é proibida a entrada sem ordem da direção, na companhia do professor durante o horário da aula, que termina invariavelmente quando algum livro, quer pelo colorido da capa ou pela novidade no título, lhe chama a atenção?

DESIGUALDADE

Não foi fácil, mas descobriu, nas entrelinhas dos livros didáticos, o significado do termo desigualdade. Por força dessa tal desigualdade, o bolo do salário de sua casa não é suficiente nem para o que chamam de básico. Também nunca assistiu a um espetáculo com um profissional de teatro, desses que aparecem na televisão, ou viu uma orquestra sinfônica. Observando os colegas em sala de aula, percebeu que alguns são mais desiguais que outros. No discurso escolar, igualdade, fraternidade e liberdade são temas recorrentes. Mas realidade não rima com tudo isso não, não sempre.

Também no livro didático deparou-se com outro termo e, após explicação em sala de aula e a insistência dos noticiários, tem certo domínio sobre a palavra corrupção e a abomina.

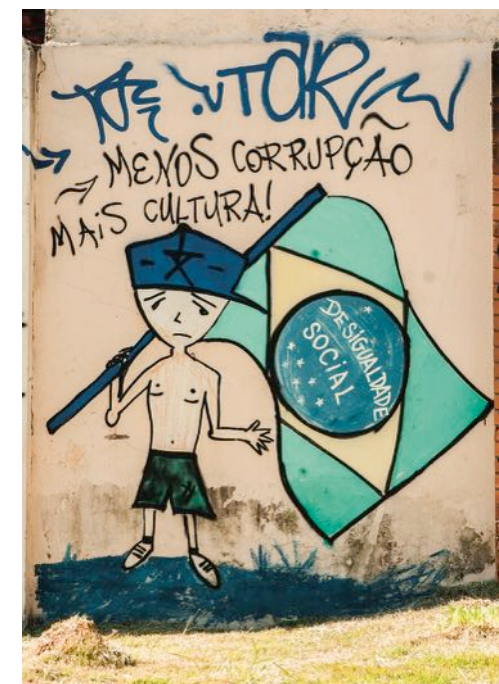
Juntando todas as informações, seus sonhos, seu mundo interior em ebulição, seu mundo exterior faltando tantas peças, um quebra-cabeça no qual falta desde a figura paterna até a igualdade no trato, não é de admirar que resolva gritar ao mundo que ele está ali e quer ser visto, ouvido, respeitado na sua jovem vida jovem.

Algumas latas de tinta em spray, um muro alheio, lógico, distante de sua casa, do bairro, de pessoas que o conheçam e, numa noite escura, faz sua catarse.

Para começar e, até pela ansiedade do momento, pinta monograma, uma assinatura da espécie “adivinhe quem”. Embora oculto, está ali para mostrar a que veio. Em seguida, o nome de uma cidade, não necessariamente onde mora, mas muito importante em sua vida. Diante de tantos fatos recentemente vistos ou ouvidos nos meios de comunicação, quando tantos milhões de reais desapareceram, digamos que em bolsos alheios à população, resolve se expressar por meio de um enunciado conciso, mas que demonstra tudo do que sente falta: MENOS CORRUPÇÃO MAIS CULTURA!

Para expressar toda sua indignação, há muito formada, desenha um menino empunhando a bandeira nacional, alusão a um sem número de valores: masculinidade e força no torso nu; postura ereta a significar o orgulho ao se autoescolher para empunhar o símbolo da pátria. O menino/jovem, ou vice-versa, tem a expressão facial triste, tímida, que parece não combinar com a ousadia do momento.

Desenha e pinta a bandeira, certa nas cores, quase certa na forma geométrica. No fundo azul, algumas estrelas, porque tem pressa, ou, porque resolve que, no mundo da desigualdade em que vive, elas não brilham com tanta frequência.

Se a sua vida não está fluindo como sonhou e sempre sonha, lá vai seu recado ao mundo. Traduz o lema positivista criado para figurar na bandeira nacional pelo que sente e vivencia: DESIGUALDADE SOCIAL.

A cena está pronta. Se alguém vai julgar o seu trabalho, não lhe interessa. Seu recado está ali. Por algum tempo, indelével.

Amanhece. Nosso jovem se recolhe, anônimo como sempre foi para o mundo. A vida segue. Um tanto preocupante para ele, que quis apenas expor o que lhe vai na alma.

A Lei vai exibir a lista de sansões impostas a quem conspurca um símbolo nacional. Não faltarão protestos dos órgãos públicos, da mídia, do avô demonstrando ira pelo dinheiro da tinta e, ao mesmo tempo, culpa porque falhou na função de educar; da mãe, porque ela consegue ouvir sirenes e viaturas em busca do seu menino, e tantos mais que não dá nem para contar, e, se ele não tinha autorização para a 'arte', até do dono do muro... Pensa: _ Foi mal!

Um resumo de uma história de vida. Na realidade, não são detalhes as inscrições contidas na arte do Graffiti. São mensagens, e das mais contundentes. A arte das ruas não quer apenas marcar presença, como a dizer que senso artístico ocorre em toda comunidade. Quer mais. Quer, para além do traço, expor a opinião sobre o que está acontecendo e que interfere no cotidiano. É, mesmo, pedido de socorro. Quem não está desconfortável com o noticiário sobre superfaturamentos, desvios de verbas, contas no exterior, muito provavelmente, com dinheiro de orçamentos públicos? Esse dinheiro, sem sombra de dúvida, faz falta para equipamentos e realizações que beneficiem a população, que proporcionem impulsos para a mais possível realização do ser humano.

Desigualdade Social: não tem sido este o lema mais praticado no país, desde seus primeiros dias? No começo, contra o índio, em seguida, contra o mestiço, enorme, e ponha enorme nisso, contra o negro, contra o pobre, contra a mulher trabalhadora, contra o doente, e a lista que não termina.

Pode e deve terminar. Pode, pelo menos, ser reduzida. Para tanto, basta que cada um de nós trate o outro como gostaria de ser tratado.

R. Padre José Manoel de Oliveira Libório

A CAPA É DE SOROCABA!

Entrevista com Will Ferreira e Michel Japs
Por Thífani Postali e Isabella Pichiguelli

O visitante que anda atento pelas ruas de Sorocaba percebe uma comunicação com traços bastante específicos e registrados em diversos locais da cidade, comuns aos olhos dos sorocabanos. São as artes de Will Ferreira e Michel Japs, que expressam de maneira bastante significativa a representação do ser humano, especialmente aquele que ocupa os grandes centros urbanos. Dessa parceria, surgiu o Fite, projeto que tem como objetivo fomentar a produção artística do grafite em consonância com a necessidade também mercadológica, ou seja, que atende a diversas instituições que buscam agregar a linguagem do grafite em seus espaços. Por isso, as artes de Will e Japs estão estampadas não só nos muros da cidade, mas em diversos ambientes internos de empresas, comércios, centros educacionais e culturais, produtos variados, projetos governamentais etc.

Cabe ressaltar que o Fite produz trabalhos que não fogem à filosofia do grafite, que é um elemento fundamental do movimento hip hop, ou seja, Will e Japs preenchem diversos locais da cidade, sejam públicos ou privados, de mensagens que buscam provocar a reflexão da população. Isso porque o movimento hip hop tem como finalidade chamar a atenção das pessoas para os mais variados problemas que uma sociedade carrega, especialmente, para as divergências e negligências existentes nos grandes centros urbanos. Para tanto, utiliza a música, a dança, o grafite, o DJ, entre outros elementos culturais, para disseminar mensagens de resistência, ou seja, em muitos casos, informações que objetivam dialogar com a sociedade sobre olhares diferentes dos oferecidos pelos grandes veículos de comunicação. Por esse motivo, o conhecimento tornou-se um especial elemento do hip hop, pois o seu fundador, Afrika Bambaataa, alega que a pessoa que se dispõe a participar do movimento deve estar munida de conhecimento para sempre transmitir mensagens de amor, paz, união e resistência, já que o hip hop passou a ser tratado de modo distorcido pela mídia e pela sociedade, como uma cultura que faz a apologia à criminalidade, o que está bem distante de seu propósito original.

Posto assim, podemos observar que Sorocaba é uma cidade privilegiada por ter artistas como Will e Japs, que, de modo dialógico, conseguem ocupar diversos setores sociais, valorizando a arte de resistência e garantindo mais espaços para a estética e a voz das ruas. Por esse motivo, não poderíamos deixar de coroar esta obra com as capas ocupadas pelo Fite. A seguir, apresentaremos uma entrevista rica em conhecimento e explicações sobre os personagens e trabalhos dos artistas que pintam Sorocaba.

Qual o primeiro grafite ou pichação que se lembra de ter observado?

Michel Japs: No meu bairro, via mais pichações do que grafites. Não tem como não ver a pichação, então, esse foi o primeiro contato visual. Já o primeiro grafite, observei quando na esquina de casa, a uns 50 metros de onde eu morava, tinha um cara fazendo grafite na esquina. Era um grafite bem elaborado, já tinha fundo, eram umas letras, algo muito bem feito pra época. Fui privilegiado de ver isso perto de casa. Aquilo me marcou, lembro muito bem: a imagem do cara pintando, com várias latas no chão. Tinha uma galera em volta também, olhando. Aquele jeito de trabalhar do grafiteiro, eu voltei a ver só muito tempo depois. Acho até que o ato de estar fazendo o mural chama mais atenção que o próprio mural. Depois o mural permaneceu por um bom tempo, mas o que marcou em mim, ficou na memória, foi isso: ver o cara lá, pintando.

Will Ferreira: Não me lembro, sinceramente, do primeiro grafite. Meu caminho foi inverso. Os primeiros contatos com arte, por exemplo, foram as histórias em quadrinhos. A pichação, por outro lado, é algo que você cresce vendo. Na rua, na escola, até no muro de casa. Não tem um que eu me lembre, em especial. Por estar em todo lugar, é isso que fica gravado na memória.

E o seu primeiro? De que tratava? Onde foi?

Michel Japs: Fiz meu primeiro grafite usando látex e rolinho, não era nem spray. Foi depois de uma oficina sobre Grafite e Hip Hop. A gente assistiu um filme, Beat Street. Lá tinha toda a cultura Hip Hop, o rap e um personagem que era grafiteiro. A oficina foi voltada totalmente ao Hip Hop, inclusive a forma de fazer grafite, com foco nas letras. Então, meu primeiro grafite teve essa influência: inventei um nome artístico para mim, MIKI, na época. Eu tinha 12 anos.

Will Ferreira: O primeiro contato que tive com

o spray foi em um projeto da prefeitura. Foi em chapa de madeirite. Foi todo simbólico: fiz um personagem sendo engolido pela escuridão. Ele tentava alcançar uma lâmpada, ou seja, alcançar a luz. Já na rua, o primeiro grafite também foi em um evento da prefeitura, na Avenida Dom Aguirre. Foi em um muro enorme. Era um desenho até simples, inspirado em histórias em quadrinhos, com poucos traços e cores. Mas também já tinha toda uma simbologia: era um personagem segurando a bandeira do Brasil e no meio, no círculo azul da bandeira, tinha um feto. Marca por isso: mostra que desde sempre minha arte busca ter um porquê, ter um sentido.

Muros têm uma porção de significados. Existe a expressão "em cima do muro", há muros que demarcam fronteiras e há também o muro das lamentações, em Israel. Quais são os muros do grafite e da pichação?

Michel Japs: O muro do grafite e da pichação são muros de um mesmo terreno. Pra quem é do grafite e da pichação, não há separação entre um e outro, apesar da diferença de percepção, pra quem vê. A diferença é que a pichação vem pra incomodar, colocar o dedo na ferida, não está ali para ser bonito, ninguém gosta. Já o grafite é arte, vem pra falar alguma coisa, mostrar uma ideia, as pessoas apreciam. Tenho mais propriedade para falar do grafite, porque é o que faço. Mas em geral, são os muros das mensagens.

Will Ferreira: O muro do grafite e da pichação é o mesmo muro. A diferença é o cara que está atrás da lata. Pode ser um cara que está ali só pra agredir. Ou

um outro que está ali para expor sua arte, seu talento, expressar uma mensagem. Mas quem sou eu pra falar da pichação? Falo do grafite, porque sou grafiteiro. O grafite é, literalmente, sua mente aberta para todos verem. Quem tem um pouco de entendimento, vai falar: "olha, esse cara está com problemas em tal área". Você consegue ler a estrutura da pessoa, sua cultura, sua forma de vida. Através dessa arte, a minha mente está aberta pra qualquer pessoa olhar. E o grafite é isso: é rua. Tem que estar na rua. Não pode nem ter grade na frente dele. As pessoas têm que conseguir pôr a mão e até mesmo apagar, se quiserem. Mas sempre vai mostrar o cara por trás do desenho. Por mais abstrato que seja: você vai poder observar através das cores, da intensidade, agressividade, tudo isso.

Quando anda por Sorocaba, observa os olhares das pessoas para grafites e pichações? O que eles dizem?

Michel Japs: Sobre a pichação, não é pra ser bonita, não vai ser elogiada por ninguém, só quem curte mesmo, que são poucos. Já o grafite é uma coisa mais bonita, então as pessoas costumam gostar mais. O grafite impressiona muito pela proporção. Uma mão gigante estampada na parede, por exemplo, encanta muito fácil, pelo tamanho. Embora sempre vá ter quem não goste.

Will Ferreira: Pra falar a verdade, não sou muito de observar, mas ouço muitos comentários, até mesmo de família e amigos. O que percebo é a repulsa e o ódio à pichação, enquanto a maioria gosta do grafite, porque muda o ambiente, a energia do local, principalmente se for grande e colorido. Faz bem aos olhos. Dependendo da mensagem, podem gostar ainda mais, se identificar com os personagens, com as situações que são representadas ali.

Alguns de seus grafites já trataram de situações específicas de Sorocaba? Se sim, quais eram essas situações? Recebeu algum retorno do público com impressões e comentários sobre a obra? Como foi?

Michel Japs: Tem um caso que retrata bem a relação com a cidade. Foi um mural que fizemos na Rua Hermelino Matarazzo, num posto, do lado de um semáforo, e parava muito ônibus ali. A gente ficou três dias pintando, e o grafite durou só uma semana. Houve uma falha de comunicação entre pai e filho, que administravam o posto. O filho autorizou. Mas o pai não gostou. Era um senhor que não entendeu o propósito da arte, e apagou depois de uma semana. Nós somos desapegados, não ficamos chateados. Mas muita gente ficou revoltada. Foram reações distintas à arte e que representam o como a percepção pode ser diferente dependendo de quem olha.

Will Ferreira: Uma vez teve uma greve de lixeiros, aqui em Sorocaba. Nessa época, fiz um de meus personagens com a máscara de palhaço, dentro de um latão de lixo. Aquele era o sorocabano, pagando seus impostos, mas sem a coleta de seu lixo. Foi algo simples, mas que, todos que viram, logo ligaram ao fato social que estava acontecendo.

Para você, qual a diferença das mensagens transmitidas através do grafite e as outras correntes na grande mídia, por exemplo? Há uma comunicação que só o grafite pode gerar?

Michel Japs: O grafite na rua, na parede, é exclusivo de quem está naquela região, quando ninguém tira foto e não é difundida, o que nem sempre acontece. Muita gente pode ver, ou poucas, dependendo do lugar. Acho que a diferença do grafite é porque une a capacidade de se expressar artisticamente e a espontaneidade, a liberdade. Não tem amarras, nem regras sobre o que vai falar. E é presencial. Você está ali. Quem vê precisa estar ali pra captar a arte. Pode até ser apagado depois, mas o que vale é a expressão realizada.

Will Ferreira: Como o Michel disse, o grafite é algo sem amarras. Não tem correntes. O cara faz o que quer. Nessa comunicação, ele está livre. É uma mídia aberta. Poderia ser comparado aos vlogs e pessoal que se expressa nos vídeos. Mas o grafite tem um impacto visual também. E o local onde é feito conta muito para isso. Imagine um grafite em frente a um museu, por exemplo. O museu é lugar que praticamente nega o grafite como arte, o exclui. É uma comunicação única, naquele tempo e naquele espaço. Só o grafite pode conseguir algo assim.

Michel, em muitos de seus grafites, existe o mesmo personagem em diferentes situações. Poderia nos falar sobre

ele? Quem é? Como se sente? Seria ele um sorocabano?

Michel Japs: O personagem que faço no momento, antes de tudo, foi um desafio de criação, porque é um personagem invisível. Apenas as roupas aparecem, são elas que dão contorno ao personagem. A ideia é questionar a necessidade que temos de manter uma boa aparência, mas sem ter conteúdo. O personagem é "vazio", também, porque pode ser qualquer um de nós ali, qualquer um pode cair nessa e acabar se sentindo, no fim, um manequim do consumismo. Nesse sentido, o personagem pode muito bem ser um sorocabano, já que nossa cidade vive essa realidade. As mensagens do consumo e da aparência são expostas para nós a todo momento na vida urbana.

Will, em várias de suas obras, há narizes peculiares: são grandes e parecem de madeira, lembram o personagem Pinóquio. O que falta para virarmos gente de verdade?

Will Ferreira: Falta tudo, eu acho. Falta o ser humano fazer o que ele ama, o que ele gosta. Parar de ser mentiroso consigo mesmo, olhar pra si próprio e conseguir se encarar, conseguir olhar para os próprios medos e erros, principalmente. O ser humano está o tempo todo mentindo pra ele mesmo. Achando que ele é rico, que ele é bom, que tem que ser isso ou aquilo. Acaba sendo o tempo todo algo que ele não é de verdade. Acredito que esses narizes realmente fazem lembrar o Pinóquio, o que leva o ser humano a mentir e as consequências de tudo. Acho que a dificuldade do ser humano é ser verdadeiro consigo mesmo. É uma crítica que faço primeiramente a mim. Falo como parte da humanidade. Só tem sentido se olho primeiro pra mim: falta muito pra que eu vire gente. Parar de mentir pra mim mesmo, assumir meus erros, assumir aquilo que eu faço que estraga esse planeta, que estraga nossa realidade, que detona nossa cultura. As coisas que eu mesmo faço e não contribuem para uma humanidade melhor. É começar a desenhar eu mesmo e me sentir dessa forma: mentiroso mesmo. Pelo menos, assim já estou reconhecendo, e esse "nariz" já não vai crescer mais em mim. Esse personagem é cheio de símbolos, mas o que mais as pessoas guardam são o nariz e a máscara. Vai ver é o que está doendo nelas. Acredito que é assim: a gente expressa na própria arte e reconhece na arte do outro sempre o que mais dói na gente. Pelo menos é assim comigo.

José Ferreira da Silva Neto

Formado em comunicação social - publicidade e propaganda e mestre em comunicação e cultura pela Universidade de Sorocaba. É fotógrafo atuante no mercado publicitário editorial, com diversos trabalhos desenvolvidos para revistas, jornais e agências de publicidade. Participou do projeto Terra Rasgada nas edições de 1995, 1996 e 1997. Coordenou várias oficinas de fotografia, entre os anos de 1995 e 2012, na Oficina Cultural Grande Otelo. Em 2015, foi vencedor do prêmio Flávio Gagliardi de fotografia, com o trabalho "Refitar". Possui obras que fazem parte do acervo do MACS – Museu de Arte Contemporânea de Sorocaba. É também professor universitário nos cursos de design, arquitetura e urbanismo, e fotografia, de onde vem o interesse em investigar a cidade, a linguagem urbana e o que está por trás dela.

Thífani Postali

É mestre em comunicação e cultura pela Uniso e doutoranda em multimeios pela Unicamp. No mestrado, desenvolveu pesquisas sobre a comunicação popular, com ênfase nas manifestações musicais desenvolvidas nos espaços urbanos. O trabalho resultou na obra "Blues e Hip Hop: uma perspectiva folkcomunicacional", lançada em 2011. No doutorado, desenvolve pesquisas sobre a representação do outro e dos espaços urbanos marginalizados no documentário nacional. É professora universitária e atua nas áreas de comunicação e jogos digitais. Também escreve artigos para jornais de Sorocaba e Votorantim – textos que já resultaram em duas coletâneas em parceria com o Prof. Dr. Paulo Celso da Silva: "Cidade e Comunicação: a miopia sobre o mundo e outros textos" (2014) e "Cidade e Comunicação: a miopia sobre o mundo, outros textos e olhares v.2" (2016).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

E61 Entrelinhas da pichação: diálogos sorocabanos / organizado por Thífani Postali, José Neto. - Alumínio, SP : Editora Jogo de Palavras, 2019.
126 p. : il. ; 21cm x 21cm.

ISBN: 978-85-66626-91-9 **Versão Digital**

1. Pichação. 2. Cultura. 3. Comunicação. 4. Sorocaba. I. Postali, Thífani. II. Neto, José. III. Título.

2018-1799 CDD 751.7
CDU 741

Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:
1. Artes : Pichação 751.7
2. Artes : Desenho em geral 741

Entrelinhas da Pichação: Diálogos Sorocabanos

Realização
Apoio Institucional Prefeitura de Sorocaba - Secretaria de Cultura e Turismo Lei nº 11.066/2015.

Organização
Thífani Postali
José Neto

Fotografia
José Neto

Edição
Thífani Postali

Revisão de texto
Isabella Pichiguelli

Projeto gráfico, diagramação e capa:
Carla Bonfim de Moraes Salles

Isabella Pichiguelli, revisora desse projeto. Jornalista e mestre em comunicação e cultura pela Uniso. No jornalismo, iniciou na produtora de comunicação alternativa Provocare (Sorocaba-SP), em programas de rádio sobre cultura e educação, até 2010. Recebeu o Prêmio ASI/SCHAEFFLER de Direitos Humanos (Sorocaba-SP) na categoria Radiojornalismo: primeiro lugar em 2009, e segundo lugar em 2010. É revisora de textos, repórter e assessora de imprensa e acadêmica.

Carla Salles é formada em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda e mestre em comunicação e cultura pela Universidade de Sorocaba. Trabalha com comunicação visual, nas áreas de identidade visual e design editorial. Professora universitária no curso de Design na Universidade de Sorocaba. Uma das Idealizadoras do Projeto Costurando Memórias.

Apoio Institucional:

Secretaria de **Cultura e Turismo**